

Vol.1 — N.4 Agosto 2021



CADERNOS CEBRAP SUSTENTABILIDADE

Working Papers

**A produção de soja no
Brasil: um olhar para a
condição das mulheres na
agricultura familiar e na
agricultura patronal**

ARIANE FAVARETO



CEBRAP

O Centro Brasileiro de Análise e Planejamento - CEBRAP - foi criado em 1969 para ser um espaço de produção de conhecimento crítico e independente no Brasil. O foco da instituição é a análise da realidade brasileira, com um estilo de trabalho que enfatiza a comparação e combina a especialização e a interdisciplinaridade, em diálogo constante entre as diferentes perspectivas teóricas e metodológicas das áreas de origem de seus pesquisadores: sociologia, política, demografia, direito, filosofia, história, antropologia, economia e geografia.

Presidente

Marcos Nobre

Diretor Científico

Raphael Neves

Diretora Administrativa

Graziela Castello



CEBRAP SUSTENTABILIDADE

ISSN 2764-1937

O Cebrap Sustentabilidade - Núcleo de Pesquisa e Análises sobre Meio ambiente, Desenvolvimento e Sustentabilidade, dedica-se à produção de conhecimentos voltados a favorecer formas inovadoras de tratamento do tema ambiental e que estejam sintonizadas com os principais avanços realizados pela comunidade científica nacional e internacional. Os estudos, eventos e publicações produzidos pelo núcleo se apoiam em rigor científico e excelência e pela busca em qualificar o debate público no Brasil, tendo como parceiros uma pluralidade de atores favoráveis a uma transição sustentável e inclusiva. Cinco temas concentram as pesquisas do Cebrap Sustentabilidade: Mudanças climáticas; Governança ambiental policêntrica; Biodiversidade, água, alimentos e energia; Cidades e regiões na transição para a sustentabilidade; Epistemologia da sustentabilidade.

Coordenador

Arilson Favareto

<https://cebrapsustentabilidade.org>

E-mail: sustentabilidade@cebrap.org.br

Cadernos Cebrap Sustentabilidade – Textos para Discussão - Working Papers

Publicação seriada que divulga resultados de estudos e pesquisas em desenvolvimento pelo Cebrap Sustentabilidade com o objetivo de fomentar o debate e oferecer subsídios à comunidade científica e aos tomadores de decisão públicos e privados atuando em temas ambientais e suas interfaces com a agenda econômica e política do país.

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e inteira responsabilidade dos autores, não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista do Cebrap.

É permitida a reprodução deste texto e dos dados nele contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas.

A produção de soja no Brasil: um olhar para a condição das mulheres na agricultura familiar e na agricultura patronal

Ariane Favareto – CEBRAP (Brasil)

Resumo

O objetivo desse artigo reside em demonstrar que a expansão da produção de soja, intensificada no Brasil nos últimos trinta anos, impacta de diferentes formas as mulheres que pertencem às categorias de agricultoras familiar e patronal. Essa heterogeneidade pode ser observada quando se trata da caracterização delas em relação a idade, etnia, escolaridade, acesso à assistência técnica e participação social. E, também, está expressa entre as grandes regiões do país. A unidade de análise são os municípios em que há expressiva produção de soja e, dentre esses, os que possuem mulheres à frente dos estabelecimentos agropecuários. Tais municípios serão denominados soja-mulheres-relevantes. Conclui-se que a construção de uma agenda afirmativa para a equidade de gênero deve considerar tanto essa heterogeneidade, como os bloqueios simbólicos e materiais que reproduzem as desigualdades.

Palavras chave: produção de soja, desigualdade, gênero

1. Introdução

A expansão da produção de *commodities* nas últimas três décadas vêm transformando regiões inteiras, seja em termos de paisagem, de incremento econômico ou na geração de empregos. Essas mudanças atingem, também, as mulheres. Ao longo do século passado a grande maioria das pesquisas direcionadas ao rural acabavam por homogeneizar as leituras e as mulheres ficavam invisibilizadas, sobretudo nas atividades ligadas ao processo produtivo, ocupadas primordialmente pelos homens (NEVES e MOTA-MAUÉS, 2013). Paulatinamente esse quadro

foi sendo alterado e elas passaram a fazer parte das análises, com foco em sua participação no trabalho desenvolvido dentro e fora dos estabelecimentos rurais (BRUNO et al, 2013; ESMERALDO, 2013; NOGUEIRA, 2014). Contudo, é preciso observar que há diferenças substanciais entre as mulheres que atuam na agricultura patronal – ou não familiar – e aquelas que se dedicam à agricultura familiar.

Em 2006, pela primeira vez, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) promoveu em seu levantamento de dados junto aos estabelecimentos agropecuários uma diferenciação entre as categorias de agricultores familiares e não familiares¹, sendo possível delimitar algumas características específicas também com relação aos agricultores, como por exemplo, a identificação do sexo. No levantamento seguinte, realizado em 2017 o mesmo procedimento foi adotado.

Os dados que serão aqui apresentados e discutidos sobre as mulheres levam em consideração tal diferenciação entre as categorias agricultores familiares e patronal. Se por um lado uma leitura homogênea do rural pode ocultar especificidades relevantes a serem consideradas entre homens e mulheres, o mesmo pode ser dito quando se trata somente das mulheres. O principal objetivo desse artigo é demonstrar, com base em uma análise de dados secundários, que há uma heterogeneidade relevante entre as mulheres das duas categorias. Sublinhar esses aspectos permite identificar bloqueios que impedem a ocorrência de formas mais sustentáveis e equitativas na produção de soja.

Essa nota está organizada em quatro partes além dessa apresentação. A seguir, um breve panorama da expansão da produção de soja no Brasil e a análise sobre a sub-representação das mulheres frente aos estabelecimentos agropecuários que se dedicam a esse cultivo. A segunda seção refere-se à caracterização dos estabelecimentos e demonstram que em relação aos homens, elas estão em menor número na direção dos estabelecimentos, comandam menores áreas de cultivo e têm como principal atividade dentro dos estabelecimentos a pecuária e a criação de outros animais e não a soja, cultivo de maior valor comercial. Na terceira parte são discutidos os dados das categorias familiar e patronal quanto à condição das mulheres que estão à frente nos estabelecimentos: idade, escolaridade, acesso à assistência

¹A definição de agricultura familiar foi dada pela Lei 11.326/2006 que determinou as principais características dessa categoria. Dentre elas, a delimitação de área, o uso predominante de mão de obra familiar nas atividades econômicas, e um percentual mínimo da renda originada das atividades econômicas desenvolvidas no estabelecimento. Já em 2017 a base legal utilizada no levantamento censitário foi o Decreto 9.064, que definiu a Unidade Familiar de Produção Agrária (UFPA). Nessa nova legislação mantém-se o critério de área, mas aumentam as exigências de uso de mão de obra familiar e da proveniência da renda de atividades exercidas para metade do total auferido no estabelecimento. Para melhor compreender a diferença metodológica entre a aplicação das legislações, ver: DEL GROSSI (2019).

técnica e a participação em entidades representativas. Finalmente, são tecidas algumas considerações sobre a implementação de uma agenda voltada à inclusão social das mulheres.

2. A expansão da produção de soja no Brasil e as mulheres

O Brasil possui mais de cinco milhões de estabelecimentos agropecuários, sendo mais de três milhões dedicados a agricultura familiar (76,82%) e o restante à agricultura não familiar, por muitos autores também denominada agricultora patronal (23,18%). Focando nos estabelecimentos dirigidos por mulheres em todo o país – sem considerar especificamente os municípios soja-relevantes –, temos que elas estão à frente de 15% do total dos estabelecimentos patronais e de 19% dos estabelecimentos familiares. Esse índice varia também quanto às grandes regiões do país: há maior representatividade entre as mulheres da agricultura familiar na direção dos estabelecimentos na região Nordeste do país, em que elas estão à frente de praticamente um quarto dos estabelecimentos agropecuários; no Centro-Oeste, região marcada pela presença dos estabelecimentos patronais, este percentual é de 18,41%.

Quadro 1. Mulheres à frente dos estabelecimentos agropecuários da agricultura patronal e familiar, Brasil e Grandes Regiões (em%)

| Brasil/Regiões | Estabelecimentos | | | Patronal | | | Familiar | | |
|---------------------|------------------|----------|--------|-----------|----------|--------|-----------|----------|--------|
| | Total | Mulheres | % | Total | Mulheres | % | Total | Mulheres | % |
| Brasil | 5.073.324 | 946.075 | 18,65% | 1.175.916 | 176.403 | 15,00% | 3.897.408 | 769.672 | 19,75% |
| Norte | 580.613 | 112.256 | 19,33% | 100.038 | 15.374 | 15,37% | 480.575 | 96.882 | 20,16% |
| Nordeste | 2.322.719 | 538.158 | 23,17% | 483.873 | 91.733 | 18,96% | 1.838.846 | 446.425 | 24,28% |
| Sudeste | 969.415 | 135.528 | 13,98% | 280.470 | 32.107 | 11,45% | 688.945 | 103.421 | 15,01% |
| Sul | 853.314 | 103.353 | 12,11% | 187.547 | 21.513 | 11,47% | 665.767 | 81.840 | 12,29% |
| Centro-Oeste | 347.263 | 56.780 | 16,35% | 123.988 | 15.676 | 12,64% | 223.275 | 41.104 | 18,41% |

Fonte: Censo Agropecuário (IBGE, 2017)

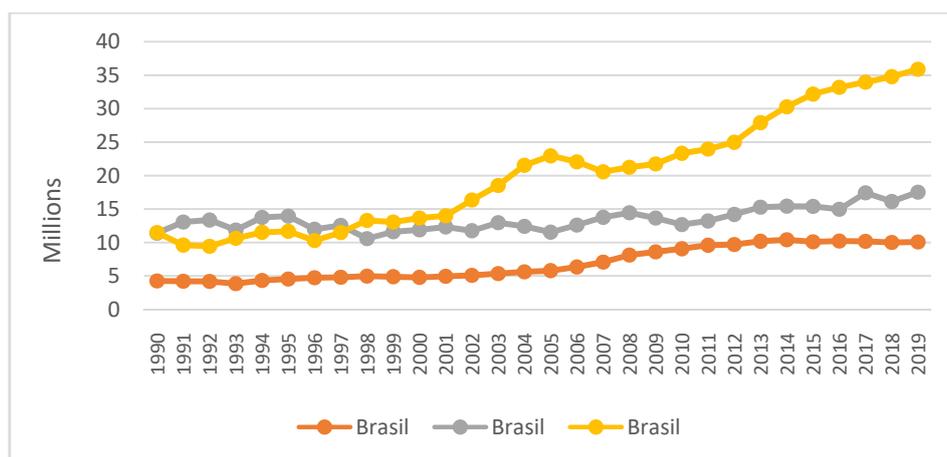
De uma maneira geral, a expansão da produção de soja foi ampliada em todo o Brasil nos últimos 30 anos, porém a intensidade varia entre as regiões. Se inicialmente a produção de soja esteve presente principalmente na região Sul do país, ao longo das últimas décadas a

expansão do plantio vai sendo ampliada para a região Centro-Oeste e mais recentemente para as regiões Norte e Nordeste.

O discurso de defesa do agronegócio e desse setor como a locomotiva econômica do país se assenta na afirmação da geração de emprego e renda, e de riquezas nas regiões onde ela se dá. Para Elias e Pequeno (2007), a urbanização dos municípios em que prevalece o cultivo da soja se deveu diretamente à expansão do agronegócio e ao atendimento das demandas associadas à modernização da agricultura. Mas, essas regiões passaram a reproduzir os mesmos problemas urbanos das grandes cidades, como por exemplo, ausência de infraestrutura básica voltadas à saúde e educação em áreas ocupadas pela população de baixa renda, ocupações irregulares em áreas de risco ambiental, favelização, especulação imobiliária, loteamentos clandestinos e congestionamentos.

Já Favareto et al (2019) consideram que é necessário olhar para as diferenças intrarregionais postas nos territórios em que houve a expansão do agronegócio, pois se alguns municípios apresentam bons indicadores em renda, produção e bem-estar, outros, mesmo com volume de produção similar, não alcançam bom desempenho nestas mesmas dimensões. Para os autores, a explicação reside na concentração que restringe os ganhos obtidos a poucos proprietários, fazendo com que a renda não irradie para o entorno dos municípios polo.

Figura 1. Áreas colhidas – lavoura temporária (Brasil)



Fonte: IBGE – Séries históricas de Produção Agrícola Municipal (PAM)

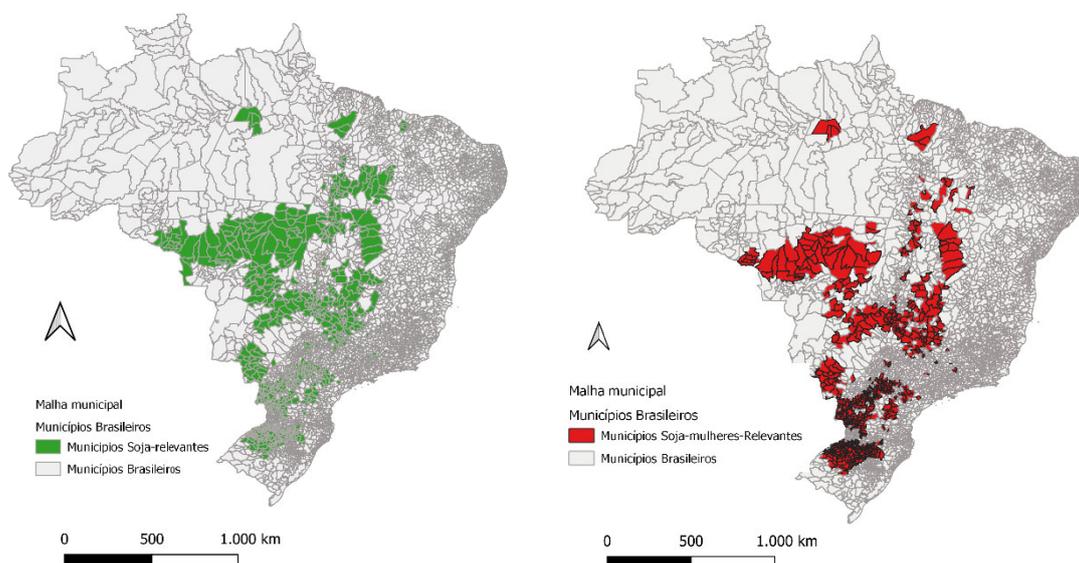
Ainda que de forma heterogênea, o fato é que esse processo vem transformando regiões inteiras e incidindo na vida dos antigos e novos moradores. Se a expansão da produção de soja atinge de forma diferente os municípios em que se dá a produção, o que dizer de diferentes grupos sociais? Aqui nos interessa, especialmente, traçar um perfil das mulheres que estão à frente dos estabelecimentos agropecuários a fim de sublinhar os diferenciais expostos entre as que se dedicam à agricultura familiar e as que atuam na agricultura patronal, tomando em conta primordialmente os estabelecimentos que se dedicam à produção de soja.

Para isso partimos de um estudo realizado por Silva (2021). Nele foram coletados dados para os anos de 1991, 2000 e 2010, caracterizando o conjunto dos municípios em que a soja teve importância relevante. São, ao todo, 1.001 municípios que tiveram produção de soja acima da mediana no período de referência. Diante disso, tais unidades territoriais são tomadas como aquelas de especial interesse para a análise aqui exposta e serão, a partir daqui, denominadas como “municípios soja-relevantes”.

2.1. A presença das mulheres nos municípios de expressiva produção de soja

Do universo de municípios soja-relevantes, nem todos os estabelecimentos agropecuários comandados por mulheres possuía área de cultivo de soja. Foi necessário, portanto, uma nova seleção considerando essa variável, o que resultou em 772 municípios, conforme ilustrado na figura 2. Esses municípios serão denominados “soja-mulheres-relevantes”. Dito de outra forma, tais municípios são os que possuem mulheres à frente dos estabelecimentos agropecuários com qualquer extensão de área de cultivo de soja, mas incluídos no grupo dos 1.001 municípios com produção de soja acima da mediana, como apontado por Silva (2021).

Figura 2.Comparativo municípios soja-relevantes e soja-mulheres-relevantes



Fonte: Silva (2021) e Censo Agropecuário (IBGE, 2017). Elaboração própria

Os números absolutos dos municípios estão apresentados no quadro abaixo. Vê-se que em todas as grandes regiões do país, os municípios que possuem mulheres à frente dos estabelecimentos agropecuários são inferiores ao número de municípios que apresentaram produção expressiva de soja.

Quadro 2.Número de municípios soja-relevantes e soja-mulheres-relevante, por regiões

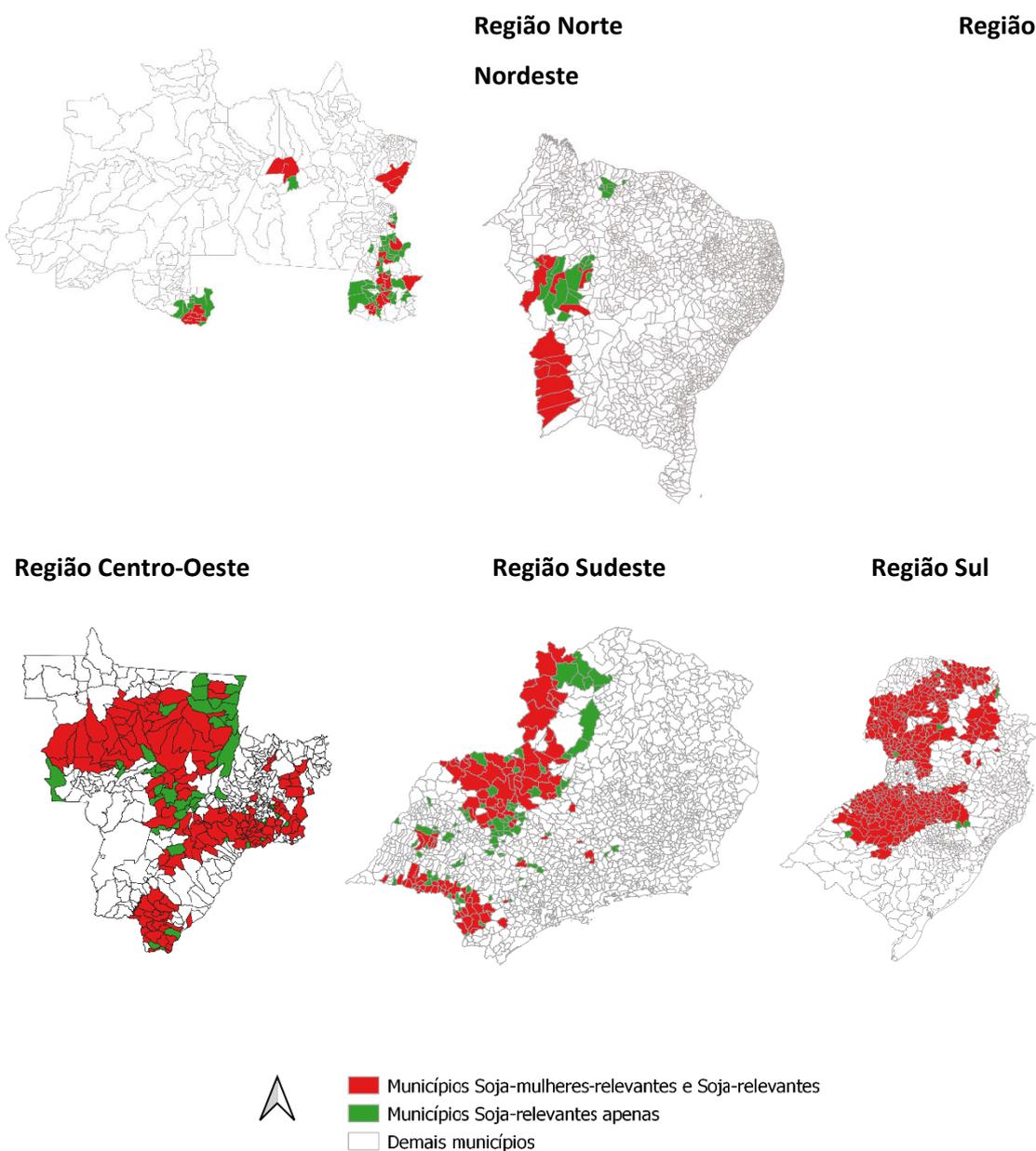
| Regiões | Soja-relevantes | Soja-mulheres-relevantes |
|--------------|-----------------|--------------------------|
| Norte | 79 | 28 |
| Nordeste | 36 | 13 |
| Sudeste | 205 | 111 |
| Sul | 491 | 477 |
| Centro-Oeste | 190 | 143 |
| Total | 1.001 | 772 |

Fonte: Censo Agropecuário (IBGE, 2017). Elaboração própria a partir dos dados de SILVA (2021)

Os dados acima apresentados estão dispostos nos mapas das grandes regiões brasileiras (figura 3). Os municípios destacados na cor verde são apenas soja-relevantes e em vermelho os

municípios que são, também, soja-mulheres-relevantes. Como dito, há uma maior coincidência entre os municípios na região Sul do país. Observa-se ainda que nos municípios destacados em verde inexistem mulheres à frente dos estabelecimentos com área de plantio de soja.

Figura 3. Municípios soja-relevantes e soja-mulheres-relevantes por grande região do Brasil



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do Censo Agropecuário (IBGE, 2017) e Silva (2021).

2.2. A presença das mulheres à frente dos estabelecimentos agropecuários relevantes para a produção de soja

Os dados do quadro 3 trazem os números absolutos de estabelecimentos agropecuários das duas categorias para os municípios soja-relevantes e, dentre esses, os que são soja-mulheres-relevantes. O intuito é demonstrar que em todas as grandes regiões do país, o total de estabelecimentos agropecuários chefiados por mulheres – tanto na categoria patronal, quanto na agricultura familiar – é inferior ao total de estabelecimentos considerados soja-relevantes, conforme apresentado anteriormente, definidos com base no estudo de Silva (2021). Há, porém, uma tendência de menor diferença nas regiões Sul e Centro-Oeste. São justamente nessas duas regiões em que há maior coincidência entre os municípios com produção expressiva de soja e a existência de mulheres à frente dos estabelecimentos agropecuários.

Quadro 3. Comparativo número de estabelecimentos da agricultura patronal e familiar dentre os municípios soja-relevantes e soja-mulheres-relevante, por regiões

| Regiões | Agricultura Patronal | | Agricultura Familiar | |
|--------------|----------------------|--------------------------|----------------------|--------------------------|
| | Soja-relevantes | Soja-mulheres-relevantes | Soja-relevantes | Soja-mulheres-relevantes |
| Norte | 2.084 | 1.147 | 8.678 | 4.849 |
| Nordeste | 1.178 | 704 | 5.808 | 2.651 |
| Sudeste | 3.610 | 2.482 | 9.973 | 6.748 |
| Sul | 7.286 | 7.162 | 32.512 | 31.946 |
| Centro-Oeste | 6.156 | 5.182 | 16.513 | 13.898 |
| Total | 20.314 | 16.677 | 73.484 | 60.092 |

Fonte: Censo Agropecuário (IBGE, 2017). Elaboração própria a partir dos dados de SILVA (2021)

Os percentuais das mulheres à frente dos estabelecimentos fornecem uma compreensão de como elas estão representadas naquele universo de municípios considerados soja-relevantes. Em relação aos dados gerais dos estabelecimentos, a presença das mulheres à frente dos estabelecimentos tanto entre o grupo da agricultura familiar como da agricultura patronal é francamente minoritária.

Quadro 4. Percentual das mulheres no total de estabelecimentos agropecuários da agricultura patronal e familiar, universo de municípios soja-relevantes, Brasil e Grandes Regiões (em%)

| Brasil/Regiões | Patronal | Familiar |
|----------------|----------|----------|
| Brasil | 11,00% | 14,49% |
| Norte | 13,76% | 19,73% |
| Nordeste | 13,09% | 19,54% |
| Sudeste | 9,73% | 13,90% |
| Sul | 10,28% | 11,86% |
| Centro-Oeste | 11,72% | 18,87% |

Fonte: Censo Agropecuário (IBGE, 2017). Elaboração própria a partir dos dados de SILVA (2021)

Vale ressaltar que o ambiente onde é desenvolvida a produção de soja é considerada altamente masculinizada como demonstrado em Favareto e Favareto (2020). Embora as mulheres venham ocupando espaços, inclusive nos mais diversos elos da cadeia, a participação relativa delas ainda é pequena. Em grande medida porque as habilidades consideradas tipicamente masculinas como bravura, força e pioneirismo são tidas como essenciais para obter sucesso nesse meio, sobretudo nas regiões que foram exploradas posteriormente, conhecidas como as novas fronteiras agrícolas brasileiras. Em muitos desses lugares os homens chegaram sozinhos para obter as terras e iniciar o plantio e somente após o estabelecimento do mínimo de infraestrutura é que o restante da família migrou.

Em suma, em relação aos homens, as mulheres estão à frente de um número inferior de estabelecimentos agropecuários em todas as regiões brasileiras. Essa realidade é também observada quando analisamos os dados referentes aos municípios com expressiva produção de soja. Nesse caso, as mulheres estão ausentes da chefia dos estabelecimentos em 33% dos municípios soja-relevantes. Os estabelecimentos soja-mulheres-relevantes representam menos de 2% do total de estabelecimentos agropecuários brasileiros. Esses números dão a dimensão de como as mulheres estão subrepresentadas num tipo de cultivo que tem grande importância econômica no cenário nacional.

A partir da próxima seção serão explorados os dados encontrados somente nos municípios soja-mulheres-relevantes de modo a caracterizar tanto os estabelecimentos quanto as agricultoras, observando as categorias patronal e familiar com destaque para as suas respectivas diferenças, objetivo central deste artigo.

3. Caracterização dos estabelecimentos agropecuários

Para promover a caracterização dos estabelecimentos agropecuários foram elencados dados referentes à área de cultivo de soja, principal atividade econômica desenvolvida e número de pessoas ocupadas. Sempre considerando os estabelecimentos que têm as mulheres à frente, as categorias familiar e patronal e as grandes regiões do Brasil. Para isso, novamente foram mobilizados dados referentes aos estabelecimentos agropecuários presentes nos municípios soja-mulheres-relevantes. Contudo, dado o baixo número de estabelecimentos nessas condições, o levantamento de dados referente à área de cultivo ficou prejudicado. Recorreu-se, então, aos dados para o país como um todo e, nesse caso, a maior área de cultivo de soja é de 541.801 hectares e está sob reponsabilidade de agricultores do sexo masculino².

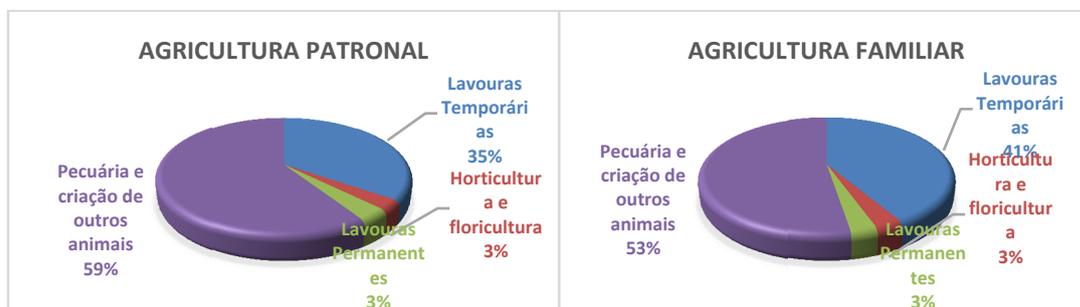
No Brasil os homens estão à frente de quase 40 milhões de hectares, enquanto as mulheres comandam pouco mais de dois milhões. Esses dados demonstram que mesmo entre as mulheres que atuam no agronegócio, as áreas destinadas ao cultivo da soja estão bem abaixo das que estão sob controle dos homens, podendo indicar que essa não é a principal atividade econômica desenvolvida por elas no interior dos estabelecimentos agropecuários mesmo nos locais em que a produção de soja é expressiva. Vejamos os dados relativos a essa variável.

3.1. Atividades desempenhadas pelas mulheres nos estabelecimentos com expressiva produção de soja

Tanto as mulheres da categoria patronal quanto às da agricultura familiar apresentam percentuais semelhantes quanto à principal atividade econômica desempenhada no interior dos estabelecimentos agropecuários. As mulheres que estão à frente dos estabelecimentos com produção expressiva de soja se dedicam primordialmente à pecuária e criação de outros animais, seguida da produção de lavoura temporária, que é o caso da soja.

² A divulgação dos dados é vedada para que não haja identificação do proprietário. A título de ilustração, cabe uma menção aos dados que foram divulgados quanto às áreas mínimas e máximas encontradas nas duas categorias nos municípios soja-mulheres-relevantes. Para a agricultura patronal a maior soma de área destinada à soja foi observada no município de Nova Mutum (MT), totalizando 19.084 hectares. Já para a agricultura familiar a maior extensão está localizada também no estado do Mato Grosso, no município de Itanhangá, com 11.315 hectares.

Figura 4. Principal atividade econômica desenvolvida nos estabelecimentos agropecuários nos municípios soja-mulher-relevantes, Brasil (em%)



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do Censo Agropecuário (IBGE, 2017) e Silva (2021).

Ou seja, apesar de se tratar de municípios em que a produção de soja é relevante, os estabelecimentos que têm as mulheres à frente têm como principal atividade a pecuária e a criação de outros animais. Um fato explicativo para essa realidade reside na própria divisão sexual do trabalho realizada no interior dos estabelecimentos rurais. As mulheres são historicamente responsáveis pela criação de animais, enquanto os homens se dedicam a produção agrícola, de maior rentabilidade e valor social.

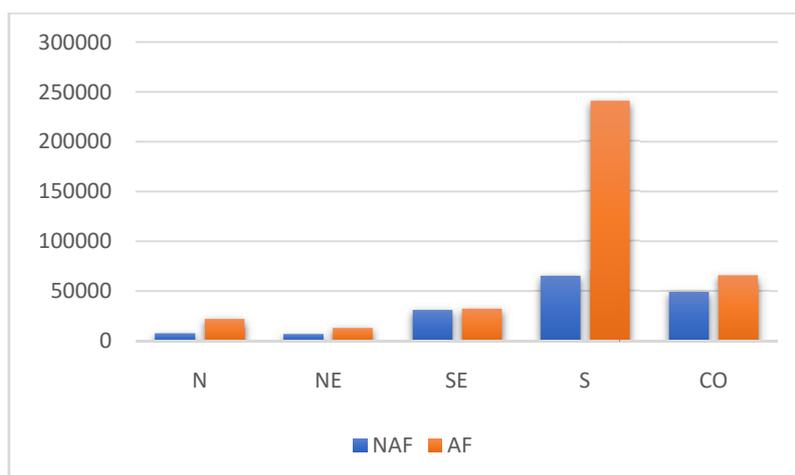
3.2. Pessoal ocupado nos estabelecimentos com expressiva produção de soja

Quanto à caracterização dos estabelecimentos agropecuários chefiados por mulheres são apresentados, a seguir, os dados relativos ao número de pessoal ocupado, considerando os municípios soja-mulheres-relevantes.

Uma das controvérsias levantadas a respeito da produção de soja em larga escala diz respeito, justamente, à criação de postos de trabalho (Silva, 2021). Estudos indicam que certo dinamismo econômico nos municípios que passam a ter produção de grãos, resultando na criação de novos postos de trabalho (Brandão et al, 2005). Além disso, a atividade demandada é considerada altamente tecnológica, necessitando de mão de obra especificamente

capacitada. E, ainda, o número de postos criados, comparados a outras culturas tende a ser menor³.

Figura 5. Número de pessoas ocupadas nos estabelecimentos da agricultura familiar e patronal em municípios soja-mulheres-relevantes, por Grandes Regiões



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do Censo Agropecuário (IBGE, 2017) e Silva (2021).

Considerando o setor agropecuário como um todo, a categoria agricultura familiar é a que mais ocupa pessoal. Não é diferente nos municípios soja-mulheres-relevantes, cujo total de pessoas ocupadas nos estabelecimentos chega a 372.783, contra 159.297 da categoria patronal. Em termos regionais, é a agricultura familiar da região Sul a que mais ocupa pessoal, como pode ser observado na figura 5. Já no Sudeste quase se alcança a paridade entre as duas categorias.

Em suma, quando analisamos os dados referentes à caracterização dos estabelecimentos familiares dos municípios soja-mulheres-relevantes, vemos que não há grandes distinções entre as categorias familiar e a patronal, bem como entre as grandes regiões do país, principalmente nas variáveis referentes à área de cultivo e à principal atividade econômica desenvolvida no interior dos estabelecimentos. Já o pessoal ocupado é superior na categoria familiar.

³ Por limitação de espaço, não serão aqui analisados dados referentes aos empregos gerados por sexo. Para ver uma análise sobre os postos de trabalho gerados no agronegócio e que estão envolvendo mulheres por suas habilidades consideradas tipicamente femininas ver relatório produzido por Favareto e Favareto (2020).

4. Caracterização das agricultoras

A fim de caracterizar as agricultoras foram analisados os seguintes dados do Censo Agropecuário: condição do agricultor, cor/raça, idade, escolaridade, acesso à assistência técnica e participação em associações ou sindicatos. A escolha dessas variáveis respeitou os principais temas em debate quando se trata da desigualdade de gênero.

4.1. Condição das agricultoras em relação às terras

A condição dos agricultores é dada em relação às terras em que se encontram os estabelecimentos⁴. As mulheres que chefiam os estabelecimentos nos municípios em que há produção expressiva de soja são proprietárias de 81% dos estabelecimentos patronais e de 78% dos estabelecimentos da agricultura familiar. Historicamente no Brasil a sucessão de terras e propriedades agropecuárias respeitou um padrão hereditário cujo beneficiário eram os filhos homens, mesmo que a legislação não endosse mais tal prática. Às mulheres cabia adquirir patrimônio por outros meios, inclusive via matrimônios.

Não são poucos os estudos que se dedicaram a análises sobre a sucessão de propriedades entre os agricultores familiares, por exemplo, Carneiro (2001) demonstra como a realidade vem mudando e se complexificando. A sucessão passa a depender mais do valor simbólico e econômico da terra, bem como da posição social que a mulher ocupa na família – e os valores imbuídos nessa posição – para que elas passem a ser consideradas como representantes titulares.

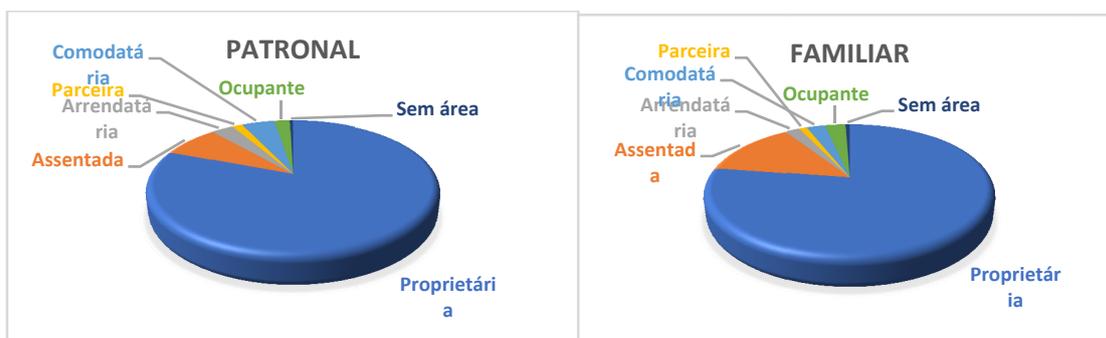
Dentre os estabelecimentos patronais, a sucessão também não se resume a uma simples questão de divisão de bens e irá depender das estratégias adotadas pelos proprietários, sendo muito comum como demonstraram Favareto e Favareto (2020), que parte dos herdeiros de propriedades que se dedicam à agricultura patronal se organizem em empresas e é a representação jurídica que passa a figurar na administração das fazendas.

Na figura 6 é possível visualizar as condições das agricultoras para as duas categorias aqui analisadas. Dentre as mulheres da categoria familiar há um número significativo de mulheres que estão na condição de “assentadas” e, assim sendo, não possuem titulação definitiva da terra. Esse fato tende a dificultar a contratação de crédito junto aos bancos e a realização de

⁴ São no total sete situações que caracterizam a condição do agricultor: proprietário, concessionário ou assentado sem titulação definitiva, arrendatário, parceiro, comodatário, ocupante e agricultor sem área.

melhorias nessas propriedades, o que poderá refletir nas possibilidades de aumento da renda, por exemplo.

Figura 6. Condição das agricultoras em municípios soja-mulheres-relevantes, por categorias, Brasil



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do Censo Agropecuário (IBGE, 2017) e Silva (2021).

Ao desagregar os dados pelas grandes regiões do país, as diferenças tendem a se acentuar tanto entre as regiões, quanto entre as categorias patronal e familiar. No quadro 5 são apresentados os percentuais de cada condição das agricultoras indicados nos dados do Censo Agropecuário (IBGE, 2017).

Vê-se que é somente na região Nordeste que as mulheres da agricultura familiar superam as patronais enquanto proprietárias dos estabelecimentos. A migração de homens da região Nordeste para outras regiões do país em busca de emprego, mesmo que de forma sazonal, pode explicar esses percentuais. Já que elas ficam responsáveis sozinhas pela terra e pela produção durante alguns meses do ano.

Quadro 5. Condição da agricultora nos estabelecimentos agropecuários da agricultura patronal e familiar, universo de municípios soja-relevantes Grandes Regiões (em%)

| Regiões | Agricultura Patronal | | | | | | | Agricultura Familiar | | | | | | |
|--------------|----------------------|-------|--------|-----|-------|------|-----|----------------------|-------|--------|-----|-------|------|-----|
| | Prop | Assen | Arrend | Par | Comod | Ocup | Sem | Prop | Assen | Arrend | Par | Comod | Ocup | Sem |
| Norte | 84% | 7% | 1% | 1% | 4% | 2% | 1% | 80% | 13% | 0% | 1% | 2% | 2% | 1% |
| Nordeste | 81% | 6% | 1% | 1% | 3% | 4% | 4% | 88% | 4% | 0% | 1% | 4% | 2% | 1% |
| Sudeste | 82% | 6% | 4% | 1% | 6% | 1% | 0% | 72% | 17% | 4% | 1% | 3% | 3% | 1% |
| Sul | 83% | 3% | 3% | 2% | 6% | 2% | 0% | 82% | 7% | 2% | 1% | 3% | 3% | 1% |
| Centro-Oeste | 77% | 15% | 3% | 1% | 2% | 2% | 0% | 66% | 28% | 2% | 1% | 1% | 3% | 0% |

Fonte: Censo Agropecuário (IBGE, 2017). Elaboração própria a partir dos dados de SILVA (2021)

As menores taxas de mulheres na condição de proprietárias dos estabelecimentos agropecuários são observadas no Centro-Oeste nas duas categorias, que também traz a maior diferenciação entre as agricultoras familiares e as patronais, dez pontos percentuais. É também no Centro-Oeste que se encontra o maior percentual de mulheres na condição de assentadas nas duas categorias. A região Sul apresenta os percentuais com menor diferença entre as duas categorias. Ressalta-se que é nessa região que tem origem a produção de soja no país e é também onde predominam propriedades com áreas menores. Já o Centro-Oeste é caracterizado como área de expansão da produção de soja.

4.2. Origem étnica das agricultoras

As características étnicas das mulheres são bastante diversas no que se refere às grandes regiões do país, mas de maneira geral há mais representatividade de mulheres brancas com maior percentual no Sul, seguida das pardas. Excetuam-se dessa tendência as regiões Norte e Nordeste, em que a maioria delas são pardas. Vale lembrar que o IBGE trabalha com a autodeclaração para apuração dessa variável.

Quadro 6. Origem étnica da agricultora nos estabelecimentos agropecuários da agricultura patronal e familiar, universo de municípios soja-relevantes Grandes Regiões (em%)

| Regiões | Agricultora Patronal | | | | | Agricultora Familiar | | | | |
|--------------|----------------------|-------|---------|-------|----------|----------------------|-------|---------|-------|----------|
| | Branca | Preta | Amarela | Parda | Indígena | Branca | Preta | Amarela | Parda | Indígena |
| Norte | 30% | 13% | 1% | 55% | 2% | 18% | 13% | 1% | 65% | 3% |
| Nordeste | 24% | 8% | 1% | 67% | 0% | 20% | 13% | 1% | 66% | 0% |
| Sudeste | 78% | 3% | 2% | 17% | 0% | 67% | 7% | 1% | 25% | 0% |
| Sul | 80% | 2% | 1% | 14% | 2% | 79% | 3% | 1% | 15% | 2% |
| Centro-Oeste | 62% | 4% | 1% | 30% | 3% | 49% | 7% | 1% | 39% | 4% |

Fonte: Censo Agropecuário (IBGE, 2017). Elaboração própria a partir dos dados de SILVA (2021)

Os dados referentes à origem étnica das mulheres que chefiam os estabelecimentos são importantes para se pensar de maneira interseccional, ou seja, considerando as evidências históricas de dominação que colocam as mulheres pretas e indígenas em uma situação ainda maior de vulnerabilidade, com menor acesso aos meios de reprodução social.

Vê-se no quadro 6 que as três regiões que possuem maior número de municípios com produção de soja relevante (Sudeste, Sul e Centro-Oeste) também apresentam os percentuais mais elevados de mulheres brancas à frente dos estabelecimentos da agricultura familiar e patronal, denotando que há uma concentração da produção nas mãos de mulheres brancas. Pode-se, então, afirmar que na produção de soja há uma reprodução das desigualdades sociais encontradas na sociedade brasileira no que se refere à raça/etnia.

4.3. Idade das agricultoras

Os dados referentes à idade das mulheres que estão à frente dos estabelecimentos agropecuários nos municípios soja-mulheres-relevantes é bastante diverso para as grandes regiões, bem como entre as duas categorias analisadas (quadros 7 e 8). O menor percentual é encontrado na faixa que compreende as mulheres com menos de 25 anos.

No caso da categoria patronal, Dias (2008) e Foletto (2014) que analisaram as principais características de mulheres que estão na liderança de empreendimentos voltados à agricultura patronal afirmam que elas têm entre 31 e 50 anos, confirmando a ausência de pessoas mais jovens, especialmente de mulheres. Conforme demonstraram Favareto e Favareto (2020) essa ausência na direção dos estabelecimentos é refletida nos espaços representativos como os sindicatos, por exemplo. Para Rosso (2012) são vários os desafios enfrentados pelas mulheres no processo de sucessão nos negócios patronais e envolvem a definição da atividade que irão desempenhar dentro da empresa, a competição com os homens da família, a formação profissional a que se dedicaram – que muitas vezes não coincide com as exigências do cargo –, e a diferença geracional entre o fundador e o sucessor. A resolução no enfrentamento desses desafios depende do estabelecimento de acordos realizados internamente nas famílias que são, na maioria das vezes, baseados nos valores patriarcais.

Quadro 7. Faixa etária das agricultoras nos estabelecimentos agropecuários da agricultura patronal, universo de municípios soja-relevantes Grandes Regiões (em%)

| Regiões | Agricultura Patronal | | | | | | |
|--------------|----------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|-------------------|
| | Menor de 25 anos | De 25 a menos de 35 anos | De 35 a menos de 45 anos | De 45 a menos de 55 anos | De 55 a menos de 65 anos | De 65 a menos de 75 anos | De 75 anos e mais |
| Norte | 5% | 19% | 29% | 23% | 14% | 6% | 3% |
| Nordeste | 6% | 19% | 25% | 28% | 11% | 7% | 4% |
| Sudeste | 1% | 8% | 17% | 25% | 21% | 15% | 12% |
| Sul | 4% | 13% | 21% | 27% | 18% | 10% | 6% |
| Centro-Oeste | 2% | 10% | 20% | 26% | 21% | 13% | 8% |

Fonte: Censo Agropecuário (IBGE, 2017). Elaboração própria a partir dos dados de SILVA (2021)

Quadro 8. Faixa etária das agricultoras nos estabelecimentos agropecuários da agricultura familiar, universo de municípios soja-relevantes Grandes Regiões (em%)

| Regiões | Agricultura Familiar | | | | | | |
|--------------|----------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|-------------------|
| | Menor de 25 anos | De 25 a menos de 35 anos | De 35 a menos de 45 anos | De 45 a menos de 55 anos | De 55 a menos de 65 anos | De 65 a menos de 75 anos | De 75 anos e mais |
| Norte | 3% | 13% | 21% | 23% | 21% | 12% | 6% |
| Nordeste | 4% | 9% | 14% | 21% | 25% | 18% | 10% |
| Sudeste | 1% | 7% | 14% | 22% | 27% | 19% | 10% |
| Sul | 2% | 8% | 14% | 23% | 26% | 18% | 9% |
| Centro-Oeste | 2% | 9% | 16% | 25% | 26% | 15% | 6% |

Fonte: Censo Agropecuário (IBGE, 2017). Elaboração própria a partir dos dados de SILVA (2021)

Um menor percentual de jovens à frente dos estabelecimentos também é encontrado entre as agricultoras familiares. Kummer (2019) analisa o processo de permanência de jovens rurais nas propriedades de seus pais, agricultores familiares em um estado da região Sul do Brasil. Para ele houve forte êxodo entre as décadas de 1970 e 2000, momento em que os jovens deixam de migrar para as cidades, fruto de uma construção positiva da representação da ruralidade, constituída a partir da melhoria na qualidade de vida no meio rural dada, principalmente, pela implementação de políticas públicas que incidiram não só sobre a atividade produtiva, mas também na habitação, saúde, educação, mobilidade e serviços de telefonia. O autor destaca que um dos elementos que influencia a permanência é, justamente, a sucessão patrimonial que ainda se apresenta como um assunto considerado tabu entre as famílias, cuja principal característica é o viés masculinizado. As moças acabam não assumindo as propriedades de seus pais, o que contribui para sua migração para centros urbanos, e nos casos raros em que o

fazem são cobradas pela comunidade a demonstrar capacidades tanto na produção quanto no gerenciamento, habilidades que os moços não precisam, necessariamente, apresentar.

Comparando as duas categorias, vê-se que há uma tendência de mulheres mais jovens entre as agricultoras patronais, especialmente nas regiões Norte e Nordeste do país, áreas que vêm mais recentemente sendo utilizadas para a expansão da produção da soja em larga escala. Já entre as agricultoras familiares, há uma tendência expressiva de participação delas nas faixas etárias superiores, acima de 65 anos de idade.

4.4. Escolaridade das agricultoras

A escolaridade das mulheres à frente dos estabelecimentos agropecuários nos municípios soja-mulheres-relevantes é bastante diversa tanto entre as duas categorias, quanto entre as grandes regiões do Brasil. São, ao todo, 13 faixas de enquadramento de escolaridade⁵. Para facilitar a leitura dos quadros, serão aqui apresentadas as de maior destaque.

Níveis mais altos de instrução são observados no grupo de mulheres que se dedicam à agricultura patronal. Considerando o país como um todo as mulheres com nível superior estão presentes em um quarto dos estabelecimentos. Se somarmos às que possuem Ensino Médio, chega-se a quase metade deles.

A alta escolaridade de mulheres inseridas na agricultura patronal foi observada em diversos estudos sobre o tema (MACIEL e DOMINGUES, 2008; BARROS et al, 2018; MENEZES e SILVA, 2016; DIAS, 2008). Todos indicam que elas, especialmente as que ocupam postos de liderança ou gestão, procuram se especializar na profissão em que atuam, em maioria vinculada aos setores financeiro, administrativo e contábil. A frequência em especializações e cursos de aprimoramento é utilizada por elas como forma de legitimar sua própria presença no agronegócio (MENEZES e SILVA, 2016), uma vez que esse espaço é formado majoritariamente por homens.

Em termos regionais, é no Nordeste que essa categoria apresenta os níveis de instrução mais baixos. Mesmo assim, 15% dos estabelecimentos dirigidos por elas possuem ensino superior e 25% o ensino médio. De outro lado, o Sul e o Centro-Oeste são as regiões em que estão mais estabelecimentos da agricultura patronal em que elas possuem alguma graduação,

⁵ As 13 faixas são: Nunca frequentou a escola, classe de alfabetização, alfabetização de jovens e adultos, antigo primário (elementar), antigo ginásio (médio 1º ciclo), regular do ensino fundamental (ou 1º grau), educação de jovens e adultos e supletivo do ensino fundamental (ou 1º grau), antigo clássico ou científico (médio 2º ciclo), regular do ensino médio (ou 2º grau), técnico de ensino médio (ou 2º grau), educação de jovens e adultos e supletivo do ensino médio (ou 2º grau), superior (graduação, mestrado ou doutorado).

representando um terço do total. Esses dados referentes às mulheres na região Centro-Oeste estão em acordo com o que a literatura sobre gênero e agronegócio apontam, ou seja, uma busca individual por maior conhecimento técnico a fim de fazer frente à discriminação de gênero e as barreiras impostas para que elas atinjam melhores posições sociais num ambiente que ainda se apresenta altamente masculinizado.

Quadro 9. Escolaridade das agricultoras nos estabelecimentos agropecuários da agricultura patronal, universo de municípios soja-relevantes Grandes Regiões (em%)

| Regiões | Agricultura Patronal | | | | |
|--------------|-------------------------|-----------------------------|--|------------------------------------|----------------------|
| | Nunca frequentou escola | Antigo primário (elementar) | Regular do ensino fundamental ou 1º grau | Regular de ensino médio ou 2º grau | Superior - graduação |
| Norte | 4% | 11% | 26% | 27% | 18% |
| Nordeste | 10% | 16% | 20% | 25% | 15% |
| Sudeste | 2% | 18% | 9% | 22% | 33% |
| Sul | 3% | 24% | 14% | 23% | 21% |
| Centro-Oeste | 4% | 15% | 12% | 23% | 29% |

Fonte: Censo Agropecuário (IBGE, 2017). Elaboração própria a partir dos dados de SILVA (2021)

Quadro 10. Escolaridade das agricultoras nos estabelecimentos agropecuários da agricultura familiar, universo de municípios soja-relevantes Grandes Regiões (em%)

| Regiões | Agricultura Familiar | | | | |
|--------------|-------------------------|-----------------------------|--|------------------------------------|----------------------|
| | Nunca frequentou escola | Antigo primário (elementar) | Regular do ensino fundamental ou 1º grau | Regular de ensino médio ou 2º grau | Superior - graduação |
| Norte | 11% | 19% | 33% | 16% | 4% |
| Nordeste | 30% | 17% | 16% | 9% | 2% |
| Sudeste | 6% | 36% | 13% | 17% | 11% |
| Sul | 8% | 40% | 17% | 14% | 6% |
| Centro-Oeste | 10% | 24% | 16% | 19% | 9% |

Fonte: Censo Agropecuário (IBGE, 2017). Elaboração própria a partir dos dados de SILVA (2021)

Ao olhar para o universo dos municípios soja-mulheres-relevantes da categoria agricultura familiar, vê-se que em um terço deles as mulheres têm como nível de instrução o antigo primário. Esse dado denota o baixo acesso aos níveis mais altos de escolaridade que configurou as áreas rurais num passado recente. Já as gerações mais novas se beneficiaram de uma série de políticas públicas de incentivo aos estudos, como por exemplo, a disponibilidade de transporte gratuito entre as áreas rurais e urbanas da cidade, uma vez que a maioria das áreas rurais possui apenas os anos iniciais do Ensino Fundamental e as graduações mais

avançadas são oferecidas nos centros urbanos das cidades. Portanto, há toda uma geração de agricultores familiares que não tiveram a oportunidade de seguir os estudos, aliado a um viés comportamental cujo cerne repousava numa formação para o trabalho, que desconsidera a necessidade de alta escolaridade para o desempenho das atividades agrícolas (FAVARETO, 2019).

Regionalmente, destacam-se os dados do Nordeste que apresenta os menores índices de escolaridade para as agricultoras familiares. Quase um terço delas sequer frequentaram a escola, 17% conseguiram se alfabetizar depois de adultas, denotando a importância de ações voltadas para a educação de jovens e adultos no intuito de elevar a escolaridade das pessoas em áreas mais remotas e com pouco acesso à infraestrutura. De outro lado, os maiores percentuais de nível superior são encontrados no Sudeste (11%) e no Centro-Oeste (9%). Na região Sul, o nível mais atingido por elas é o antigo primário, chegando a 40% dos estabelecimentos.

4.5. Acesso à assistência técnica das agricultoras

A assistência técnica é fundamental para os agricultores. Por meio dela consegue-se planejar e executar as melhores formas de manejo, visando o aumento da produtividade e, conseqüentemente, de renda. No Brasil há várias formas de se obter tal serviço que pode ser gratuito por meio dos governos municipal, estadual e federal, ou ainda via sindicatos representativos das categorias; e realizado com os recursos dos próprios agricultores, via cooperativas de técnicos, empresas de planejamento ou contratação individual. Os dados abaixo trazem os percentuais sobre o recebimento ou não de qualquer tipo de assistência técnica dos estabelecimentos em que as mulheres estão à frente.

Quadro 11. Acesso à assistência técnica pelas agricultoras nos estabelecimentos agropecuários da agricultura patronal e familiar, universo de municípios soja-relevantes Grandes Regiões (em%)

| Regiões | Agricultura Patronal | | Agricultura Familiar | |
|--------------|----------------------|------------|----------------------|------------|
| | Recebe | Não recebe | Recebe | Não Recebe |
| Norte | 21% | 79% | 12% | 88% |
| Nordeste | 11% | 89% | 2% | 98% |
| Sudeste | 44% | 56% | 25% | 75% |
| Sul | 39% | 61% | 38% | 62% |
| Centro-Oeste | 35% | 65% | 19% | 81% |

Fonte: Censo Agropecuário (IBGE, 2017). Elaboração própria a partir dos dados de SILVA (2021)

De maneira geral, vê-se que a maioria das mulheres não recebeu assistência técnica nas duas categorias, porém, os percentuais são superiores para as mulheres da agricultura familiar, justamente, as que possuem menor área e menos recursos, o que em tese, justificaria uma maior atenção técnica para melhoria das formas de plantio visando maior produtividade e rendimento.

Há grandes diferenciais dentre as grandes regiões do país. Quase metade dos estabelecimentos da agricultura patronal do Sudeste tiveram acesso à assistência técnica, representando o maior percentual encontrado entre as regiões e categorias. Já para as agricultoras familiares, é na região Sul que elas têm mais acesso a esse serviço. Os percentuais mais baixos foram encontrados no Nordeste para as duas categorias, somente 2% das mulheres da agricultura familiar daquela região receberam assistência técnica. Lembrando que essa é justamente uma área em que há recorrência de períodos de seca ao longo do ano, o que justificaria uma atenção redobrada para o desenvolvimento de técnicas específicas de produção.

4.6. Participação social das agricultoras

Por fim quanto à caracterização das agricultoras, a última variável a ser analisada diz respeito à participação delas em instituições representativas, mais especificamente em associações, cooperativas e entidades de classe. A participação das mulheres em espaços representativos e a ocupação de cargos de liderança é um tema bastante debatido quando se trata de igualdade de gênero. Essencialmente, a baixa representatividade delas nesses espaços acarreta decisões unilaterais que não consideram as especificidades das mulheres no contexto produtivo.

Como forma generalizada de naturalização das competências e habilidades atribuídas aos gêneros que são, na verdade, socialmente construídas, os homens são considerados mais objetivos em questões que tenham por foco a tomada de decisão. São eles que possuem visão estratégica e são mais autoritários e rústicos, enquanto a sutileza é considerada como um atributo feminino que poderá ser útil em alguns espaços de liderança (FOLETTTO, 2014). Alguns estudos (MACIEL E DOMINGUES, 2016; MENEZES e SILVA, 2016) mencionam que quando as mulheres assumem esses espaços há uma tendência em reproduzir um comportamento mais racional, objetivo e produtivo, além de assumir uma aparência que assinala a interiorização de

códigos estéticos pensados pelos homens, por exemplo, adotando uma atitude submissa e não concorrencial quanto ao poder.

Dentre as entidades que representam os agricultores patronais, a Associação Brasileira do Agronegócio (ABAG) possui uma diretoria composta de 18 pessoas, sendo duas delas mulheres. Além dessa estrutura, há a equipe executiva, com seis membros, três mulheres que ocupam os seguintes cargos: gerente de comunicação, analista de comunicação e coordenação administrativa. Já a Associação Brasileira dos Produtores de Soja (Aprosoja) possui uma diretoria formada por 25 pessoas, nenhuma delas é uma mulher⁶.

Do ponto de vista da agricultura familiar, historicamente a representatividade se deu com base na participação em movimentos sociais e sindical. As mulheres vêm desde a década de 1980 estabelecendo uma pauta de reivindicações que nasceram a partir de sua própria visibilidade como agricultoras e os direitos decorrentes desse reconhecimento, como o salário maternidade, a aposentadoria e a sindicalização.

No universo soja-mulheres-relevante, em termos gerais, prevalece a condição de não associadas nas duas categorias. Porém, há importantes diferenciais ao analisarmos as regiões, conforme exposto no quadro 12.

Quadro 12. Associação a entidades representativas das agricultoras nos estabelecimentos agropecuários da agricultura patronal e familiar, universo de municípios soja-relevantes Grandes Regiões (em%)

| Regiões | Agricultura Patronal | | Agricultura Familiar | |
|--------------|----------------------|-----|----------------------|-----|
| | Associado | Não | Associado | Não |
| Norte | 42% | 58% | 51% | 49% |
| Nordeste | 27% | 73% | 28% | 72% |
| Sudeste | 37% | 63% | 30% | 70% |
| Sul | 38% | 62% | 43% | 57% |
| Centro-Oeste | 29% | 71% | 26% | 74% |

Fonte: Censo Agropecuário (IBGE, 2017). Elaboração própria a partir dos dados de SILVA (2021)

O maior percentual de mulheres que são associadas a alguma entidade está entre as agricultoras familiares da região Norte do país, superando a metade dos estabelecimentos (51%) e a menor no Centro-Oeste, com pouco mais de um quarto (26%). As mulheres que estão à frente dos estabelecimentos patronais se integram a mais entidades representativas

⁶ Levantamento realizado nas páginas eletrônicas das entidades em outubro de 2020.

também no Norte (42%) e menos no Nordeste (27%). Nas duas categorias os percentuais são bem baixos, denotando que ainda há um longo caminho a ser percorrido para que elas tenham espaço e, principalmente, ocupem postos de liderança a fim de pontuar suas demandas na agenda da produção de soja no país, trazendo a possibilidade de maior equilíbrio entre as relações de gênero e maior diversidade de opiniões e estratégias.

As variáveis apresentadas para a caracterização das agricultoras trazem alguns diferenciais entre as categorias de agricultoras familiares e patronais que merecem destaque. Em média, as agricultoras patronais estão mais na condição de proprietárias do que as agricultoras familiares. Isso pode significar uma maior autonomia de decisão sobre a produção no interior dos estabelecimentos. Como visto, ainda pesa a divisão sexual do trabalho e os papéis sociais de gênero na definição do tipo de atividade exercida no interior das propriedades. Sendo proprietárias, as mulheres têm a possibilidade de redefinir essas atividades. Somado a isso, as agricultoras patronais são mais jovens, possuem níveis de escolaridade mais altos e têm mais acesso à assistência técnica do que as agricultoras familiares. Esses recursos podem abrir possibilidades de maior inovação e diversificação na produção.

5. Considerações Finais

A igualdade de gênero é tema recorrente mundialmente. Se há intenção em dirimir a desigualdade e a vulnerabilidade social e econômica das mulheres, voltar o olhar para a heterogeneidade expressa entre as diferentes categorias pode colaborar efetivamente para identificar bloqueios que impedem formas mais sustentáveis e equitativas na produção da soja.

De maneira geral, as mulheres estão subrepresentadas na direção dos estabelecimentos agropecuários. Elas representam 47% da população rural total, segundo o Censo Demográfico (IBGE, 2010) e estão no comando de apenas 15% dos estabelecimentos patronais e em 19% dos familiares. Quando focamos nos municípios com produção expressiva de soja esses percentuais são ainda menores, 11% e 14%, respectivamente. A representatividade abaixo dos percentuais nacionais denota que o ambiente da produção de soja ainda é essencialmente masculinizado.

Na caracterização dos estabelecimentos foram destacadas as variáveis área de cultivo, principal atividade econômica desempenhada e número de pessoas ocupadas. A partir dos dados apresentados, observou-se o peso das diferenciações estruturais nas relações de

gênero, uma vez que as mulheres comandam áreas menores de cultivo e se dedicam à pecuária e criação de outros animais, atividade essa considerada tipicamente feminina por requerer determinadas habilidades socialmente desempenhadas por elas.

Se na caracterização dos estabelecimentos foi revelado o peso das estruturas sociais que se reverte em menos recursos sob domínio das mulheres, no perfil das agricultoras viu-se importantes diferenciais entre as categorias familiar e patronal, como também entre as grandes regiões do país. Tais diferenças foram expressas nas variáveis condição das agricultoras em relação às terras, origem étnica, idade, escolaridade, acesso à assistência técnica e participação em alguma entidade representativa.

A análise trouxe um panorama em que as mulheres da agricultura familiar são mais vulneráveis quanto à posse de terra, têm menor escolaridade e estão localizadas em faixas superiores de idade, acessam menos os serviços de assistência técnica e, em geral, estão presentes em menos entidades representativas. E, ainda, em termos interseccionais, há pouca representação de mulheres pretas na direção dos estabelecimentos. Do ponto de vista regional, as agricultoras familiares do Nordeste possuem escolaridade mais baixa, menor acesso à assistência técnica e às entidades representativas.

Se, por um lado, verifica-se entraves estruturais que colocam as mulheres das categorias familiar e patronal em patamares similares, como pode ser visto nas análises quanto aos estabelecimentos agropecuários, de outro ponto de vista vê-se importantes distinções quando o olhar se volta para a caracterização das agricultoras. Essas constatações colocam duas frentes de bloqueios que podem ser foco de ações para uma agenda voltada à inclusão das mulheres.

A primeira delas diz respeito às restrições mais simbólicas que bloqueiam a equidade de gênero e estão alicerçadas nos valores que definem os papéis sociais que homens e mulheres devem desempenhar. Tais definições incidem sobre as atividades efetivamente realizadas. Embora estejam ocorrendo movimentações no sentido de alterar essa visão na sociedade mundial, ela é predominante, ainda mais num ambiente altamente masculinizado como é o caso da produção de soja no Brasil.

Uma forma de acelerar o processo de mudança em direção à uma maior equidade de gênero reside na criação de mecanismos de pressão externa. Da mesma forma que critérios ambientais passam, paulatinamente, a ter peso em negociações no mercado externo, instrumentos similares à certificação ambiental poderiam ser adotados visando uma maior

participação das mulheres na produção e comercialização da soja. É preciso considerar, contudo, que os critérios a serem utilizados devem ser definidos com a participação expressiva das mulheres de modo a não reproduzir espaços de dominação que contribuem para a perpetuação de uma situação de sobrecarga de trabalho ou de exploração de mulheres mais vulneráveis.

A segunda frente de bloqueios é expressa pelas condições materiais que ainda colocam as mulheres que produzem soja – e especialmente as mulheres da categoria familiar – numa situação mais vulnerável. A titularidade da terra, o nível de instrução, a inserção de jovens à frente da produção, o acesso à assistência técnica e a participação em entidades representativas são fatores que merecem um olhar específico, conforme demonstrado anteriormente. Ações no sentido de promover atividades voltadas à alteração do que está posto atualmente podem ser executadas tanto pelo Estado, via implementação de políticas públicas, quanto por Organizações Não-Governamentais (ONGs), por meio de capacitações e difusão de informações.

A equidade entre os gêneros é iminente, conhecer os meandros e as especificidades que geram os bloqueios à igualdade é fundamental para que se possa promover ações que direcionem de forma mais efetiva às alterações necessárias.

Referências bibliográficas

BARROS, G.S.C.; CASTRO, N.R.; GILIO, L.; SOUZA JUNIOR, M.L.; MORAIS, A.C.P.; ALMEIDA, A.N. **Mulheres no Agronegócio**. Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea), Piracicaba, v.1, n.3, 2019.

BINOTTO, Erlaine; MORAIS, Manoela; SIQUEIRA, Elisabete; STEFANELLO, Alesandra e APOLINÁRIO, Ludimylle. Mulheres Gestoras: Caracterizando seu Perfil em Cooperativas Agrícolas. **Revista de Gestão e Organizações Cooperativas**, 2014. DOI 10.5902/2359043215459.

BRANDÃO, Jozerlei; PAULI, Jandir; BILHAR, Alissa e TOMASI, Manuéli. Liderança feminina em empresas do agronegócio. **Revista Negócios em Projeção**, v 9, nº1, 2018.

BRANDÃO, Antonio Salazar P., REZENDE, Gervasio Castro de e MARQUES, Roberta W. da Costa. Agricultural Growth in the Period 1999-2004, Outburst in Soybeans Area and Environmental Impacts in Brazil. **Texto Para Discussão Ipea**, 2005. <https://doi.org/10.2139/ssrn.660442>

BRUNO, Regina; WESZ JUNIOR, Waldemar João; BORDALO, Caroline de Araújo; AQUINO, Sílvia Lima de; JALIL, Laetícia. Razões da participação das mulheres em grupos produtivos. In: NEVES, Delma Pessanha; MEDEIROS, LeonildeSérvolo (orgs.). **Mulheres camponesas: trabalho produtivo e engajamentos políticos**. Niterói (RJ): Alternativa, 2013.

CARNEIRO, Maria José. **Camponeses, agricultores e pluriatividade**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 1998b.

CARNEIRO, Maria José. Herança e gênero entre Herança e gênero entre agricultores familiares. **Revista Estudos Feministas**, 9 (1), 22-55. <https://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2001000100003>.

CASTRO, Nicole; BARROS, G.; NUNES ALMEIDA, Alexandre; GILIO, Leandro; MORAIS, Ana. (2017). Mercado de trabalho e rendimentos no agronegócio de Minas Gerais. **Revista de Economia e Agronegócio**. 15. 2526-5539. 10.25070/rea.v15i3.490.

DEL GROSSI. **Algoritmo para delimitação da agricultura familiar no Censo Agropecuário 2017, visando a inclusão de variável no Banco de Dados do Censo**. FAO/Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento/FINATEC: Brasília, 2019.

DIAS, Larissa G. Liderança feminina no agronegócio: principais desafios encontrados pelas mulheres gestoras. **Trabalho de Conclusão de Curso** em Tecnologia e Ciências Sociais Aplicadas do Centro Universitário de Brasília, 2008.

ELIAS, Denise e PEQUENO, Renato. Desigualdades socioespaciais nas cidades do agronegócio. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, vol. 9, núm. 1, mayo, 2007, pp. 25-39.

ESMERALDO, Gema Galgani Silveira Leite. O protagonismo político de mulheres rurais por seu reconhecimento econômico e social. In: NEVES, Delma Pessanha; MEDEIROS, LeonildeSérvolo (orgs.). **Mulheres camponesas: trabalho produtivo e engajamentos políticos**. Niterói (RJ): Alternativa, 2013.

FAVARETO, Ariane e FAVARETO, Arilson. Avaliação das relações de gênero em cadeias produtivas em áreas de atuação da Solidaridad – as mulheres e o mercado da soja no Matopiba/Oeste da Bahia. **Relatório Final**. São Paulo, 2020.

FAVARETO, Ariane. Dinâmicas rurais contemporâneas e configurações sociais de gênero. **Tese** (Doutorado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (CPDA/UFRRJ). Rio de Janeiro, 236 p., 2019.

FAVARETO, Arilson (org.); NAKAGAWA, Louise; PÓ, Vinícius, SEIFER, Paulo e KLEEB, Suzana. **Entre chapadas e baixões do Matopiba: dinâmicas territoriais e impactos socioeconômicos na fronteira da expansão agropecuária no Cerrado**. São Paulo: Prefixo Editorial, 2019.

FOLETTI, Jussara. Características do perfil de lideranças femininas e masculinas no agronegócio do Rio Grande do Sul. 2014. 55 páginas. **Trabalho de conclusão** de MBA Gestão do Conhecimento e o Paradigma Ontopsicológico como requisito parcial para a obtenção do grau Especialista. Faculdade AntonioMeneghetti. Curso de MBA Gestão do Conhecimento e o Paradigma Ontopsicológico, Recanto Maestro-Restinga Sêca/RS, 2014.

KUMMER, Rodrigo. Juventudes rurais e permanências: ruralidades e urbanidades representadas no Extremo Oeste de Santa Catarina. **Tese** (Doutorado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade – CPDA, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

MACIEL, Cecília Alves e DOMINGUES, Carlos Roberto. A percepção das mulheres sobre a presença feminina no agronegócio. **Encontro Gestão e Negócios**, Uberlândia (MG), 02 a 04 de maio de 2016.

MAGALHÃES, Reginaldo Sales. A “masculinização” da produção de leite. **RESR**, Piracicaba, SP, v. 47, n 01, p. 275-300, jan/mar, 2009.

MENEZES, Raquel Santos Soares e SILVA, Francieli Dorneles. Trabalho e identidades de gênero de gestoras de organizações do agronegócio em Minas Gerais. **Revista Brasileira de Estudos Organizacionais**, v. 3. n. 2, p. 127-144, dez. 2016. Doi10.21583/2447-4851.rbeo.2016.v3n2.81

NEVES, Delma Pessanha Neves; MOTTA-MAUÉS, Maria Angélica. Mulheres camponesas e reprodução de grupos domésticos. In: NEVES, Delma Pessanha; MEDEIROS, LeonildeSérvolo (orgs.). **Mulheres camponesas: trabalho produtivo e engajamentos políticos**. Niterói (RJ): Alternativa, 2013.

NOGUEIRA, VerenaSevá. A Venda Nova dos Imigrantes: relações de gênero e práticas sociais do agroturismo. **Dissertação** (Mestrado em Sociologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, 2004.

PAULILO, Maria Ignez. **Mulheres Rurais: quatro décadas de diálogo**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2016.

ROSSO, Carla Luiza. Desafios enfrentados pelas sucessoras no processo de sucessão familiar em empresas do agronegócio. **Trabalho de Curso** (TC) apresentado como um dos requisitos para conclusão do curso de Administração de Empresas do UniCEUB – Centro Universitário de Brasília, 2012.

SERIGATI, Felipe; SEVERO, Kellen e POSSAMAI, Roberta. A inserção das mulheres no agronegócio. **Agroanalysis**, 2018.

SILVA, Lucas Falcão. Efeitos socioeconômicos da expansão do cultivo da soja entre 1991 e 2010. Relatório Final. Mimeo, 2021.

SILVA FILHO, Luís Abel da; SANTOS, Fládia Valéria Dantas e LIMA, Maria Messias Ferreira. Dinâmica de mercado de trabalho no cultivo de soja no Brasil. **Latin American Journal of Business Management**, v. 5, n. 2, p. 65-94, jul-dez/2014.

VIEIRA FILHO, José Eustáquio Ribeiro. **Expansão da fronteira agrícola no Brasil**. Texto para discussão. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Brasília: IPEA, 2016.

Soybean production in Brazil: a look at the conditions of women in family farming and corporate farming

Ariane Favareto – CEBRAP (Brasil)

Executive Summary

The purpose of this article is to show how the expansion of soybean production, which has increased in Brazil over the past thirty years, impacts women in the family and corporate farming categories differently. This heterogeneity can be seen when it comes to classifying them by age, ethnicity, schooling, access to technical assistance and social involvement. It is also apparent in the different regions of the country. The units under study are the municipalities that have significant soybean production and those within the group that have women-run agricultural and livestock establishments. Such municipalities will be called soybean-women-relevant. It can be concluded that the creation of an affirmative agenda for gender equality needs to consider both this heterogeneity and the symbolic and material obstacles that breed inequalities.

Key words: soybean production, inequality, gender

1. Introduction

In Brazil, the expansion of commodity production in the past three decades has transformed entire regions, either in terms of landscape, economic growth or job creation. These changes also affect women. Over the past century, the vast majority of research aimed at rural areas ended up homogenizing the readings and women became invisible, especially in activities related to the production process, performed mostly by men (Neves & Mota-Maués, 2013). This scenario slowly changed over time and the women began to be included in studies aimed at their involvement in the

work developed inside and outside rural establishments (Bruno et al, 2013; Esmeraldo, 2013; Nogueira, 2014). However, there remains substantial differences between women engaged in corporate - or non-family - farming and those engaged in family farming.

In 2006, for the first time, the Brazilian Geography and Statistics Institute (IBGE) differentiated between the categories of family and non-family farmers in its survey¹, which made it possible to group the farmers by some specific characteristics, such as, by gender identification. The same procedure was used in the next survey conducted in 2017.

The data of 2017 will be used and discussed in this paper regarding women considering a differentiation between the categories of family and corporate farmers. If, on the one hand, a homogeneous analysis of rural areas can hide relevant specificities between men and women, the same can be said when it comes to women alone. The main objective of this study is to demonstrate, based on an analysis of secondary data, that there is relevant heterogeneity between women in both categories. Highlighting these aspects makes it possible to identify obstacles that prevent the occurrence of more sustainable and equitable forms of soy production.

This paper is organised into four sections. The first section includes a brief overview of the expansion of soybean production in Brazil and an analysis of the under-representation of women in agricultural and livestock establishments that farm soybeans. The second section characterises the establishments. The third section discusses data from the family and corporate categories regarding the condition of the women in charge of the establishments: age, education, access to technical assistance and involvement in representative bodies. Lastly, a few considerations are made concerning the implementation of an agenda for the social inclusion of women.

2. The expansion of soy production in Brazil and women

Brazil has more than five million agricultural and livestock farms, of which more than three million are family farms (76.82%) and the remainder are non-family farms, which many authors also refer to as corporate farms (23.18%). By focusing on establishments run by women throughout the country - without specifically targeting the soybean-relevant municipalities -, we can see that women are in charge of 15% of all corporate establishments and 19% of family establishments. This index also

¹Family farming was defined in Law 11.326/2006, which set forth the main characteristics of this category. The characteristics included the delimitation of the area, the predominant use of family labour in the economic activities, and a minimum percentage of income originating from economic activities developed in the establishment. In turn, in 2017 the legal basis used in the census survey was Decree 9.064, which defined the Family Unit of Agrarian Production (UFPA). In this new law, the area criterion is maintained but the requirements for the use of family labour and income from farming activities was increased to half of the total earned in the establishment. To better understand the methodological difference between the application of the laws, see: Del Grossi (2019).

Soybean production in Brazil...

Ariane Favareto

varies according to the country's greater regions: women in family agriculture are more representative as heads of establishments in the northeast region, where they oversee almost a quarter of the agricultural and livestock establishments; in the midwest, a region marked by the presence of corporate-owned establishments, the percentage is 18.41%.

Table 1. Women running family and corporate agricultural and livestock farms, Brazil and Greater Regions (in %)

| | Establishments | | | Corporate | | | Family | | |
|-----------|----------------|---------|--------|-----------|---------|--------|-----------|---------|--------|
| | Total | Women | % | Total | Women | % | Total | Women | % |
| Brazil | 5,073,324 | 946,075 | 18.65% | 1,175,916 | 176,403 | 15.00% | 3,897,408 | 769,672 | 19.75% |
| North | 580,613 | 112,256 | 19.33% | 100,038 | 15,374 | 15.37% | 480,575 | 96,882 | 20.16% |
| Northeast | 2,322,719 | 538,158 | 23.17% | 483,873 | 91,733 | 18.96% | 1,838,846 | 446,425 | 24.28% |
| Southeast | 969,415 | 135,528 | 13.98% | 280,470 | 32,107 | 11.45% | 688,945 | 103,421 | 15.01% |
| South | 853,314 | 103,353 | 12.11% | 187,547 | 21,513 | 11.47% | 665,767 | 81,840 | 12.29% |
| Midwest | 347,263 | 56,780 | 16.35% | 123,988 | 15,676 | 12.64% | 223,275 | 41,104 | 18.41% |

Source: Agricultural Census (IBGE, 2017)

In general, soybean output has increased throughout Brazil over the past 30 years but the intensity varies by region. Initially, soybean production was mostly concentrated in the south of the country. Over the past decades, the expansion of plantations extended into the midwest region and more recently into the north and northeast regions.

The discourse elevating agribusiness and this sector as the economic driver of the country is based on the affirmation of job and income generation, and of wealth in the regions where it takes place. For Elias and Pequeno (2007), the urbanisation of municipalities where soybean cultivation prevails was directly due to the expansion of agribusiness and to the demands associated with the modernisation of agriculture. However, these regions began to reproduce the same urban problems of the big cities, such as a lack of basic infrastructure for health and education in areas occupied by low-income populations, illegal occupations in areas of environmental risk, the building of slums, real estate speculation, illegal subdivisions and traffic jams.

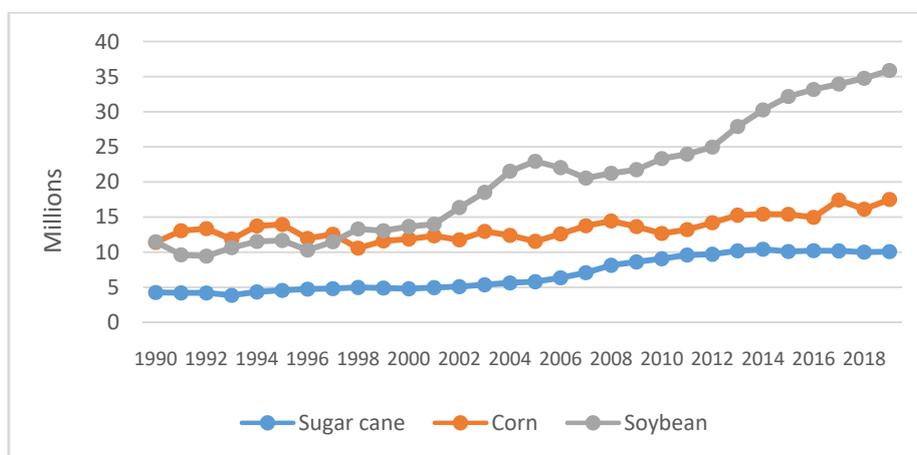
Favareto et al (2019), on the other hand, considered it necessary to look at the intra-regional differences occurring in the territories where there has been a surge in agribusiness because if some municipalities have good indicators in income, production and well-being, others, even with a similar

Soybean production in Brazil...

Ariane Favareto

production volume, do not achieve good performance at the same scale. According to the authors, the explanation lies in the concentration that restricts the gains earned to a few owners, which keeps the income from being used in the surroundings of the core municipalities.

Figure 1. Harvested areas - temporary crops (Brazil)



Source: IBGE - Historical Series of Municipal Agricultural Output (PAM)

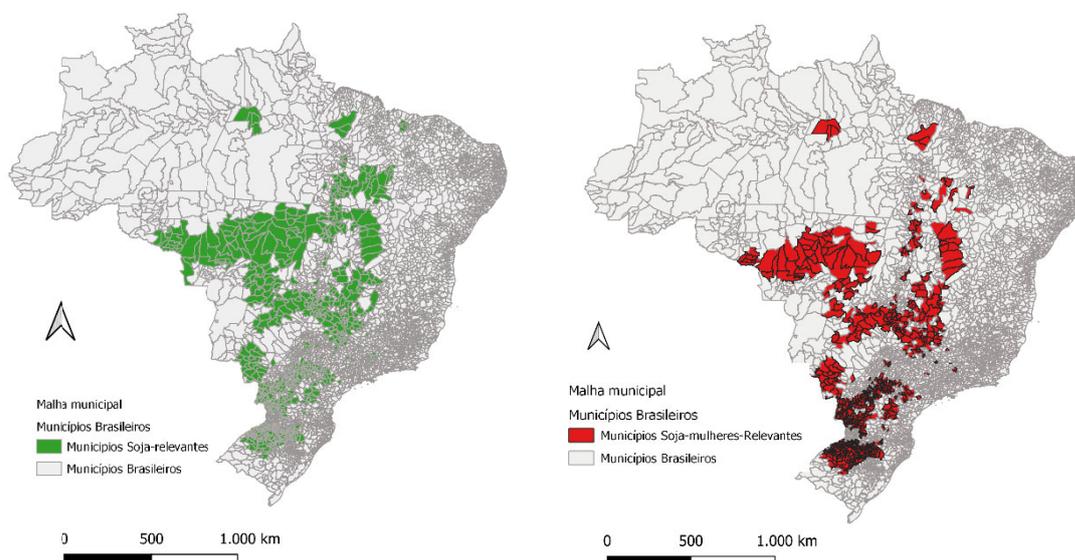
Although in a heterogeneous manner, the fact is that this process has been transforming entire regions and affecting the lives of old and new residents. If the expansion of soybean production affects the municipalities where production takes place differently, what can be said about the different social groups? We are especially interested in profiling women who oversee agricultural and livestock establishments so we can pinpoint the differences between those who work in family farming and those who work in corporate farming, taking into account primarily establishments engaged in soybean production.

To this end, we draw on a study conducted by Silva (2021). In it, data from 1991, 2000 and 2010 was collected from the set of municipalities where soy was an important crop. In all, 1,001 municipalities had an above-average soybean production in the reference period. Based on this information, the territorial units are those of special interest for the analysis presented here and will be, from here onwards, called "soybean-relevant municipalities".

2.1. The presence of women in municipalities with significant soybean production

From the soybean-relevant municipalities, not all agricultural and livestock establishments headed by women had soybean plantations. A new selection considering this variable was, therefore, needed and resulted in 772 municipalities, as shown in figure 2. Such municipalities will be called “soybean-women-relevant”. In other words, such municipalities are those that have women in charge of agricultural and livestock establishments with any size of soybean plantation area but included in the group of 1,001 municipalities with above-average soybean production, as pointed out by Silva (2021).

Figure 2. Comparison of soybean-relevant and soybean-women-relevant municipalities



Source: Silva (2021) and Agricultural Census (IBGE, 2017). Author's own compilation

The absolute numbers of the municipalities are shown in the table below. In all the country's large regions, the number of municipalities with women running agricultural establishments is lower than the number of municipalities with significant soybean production.

Soybean production in Brazil...

Ariane Favareto

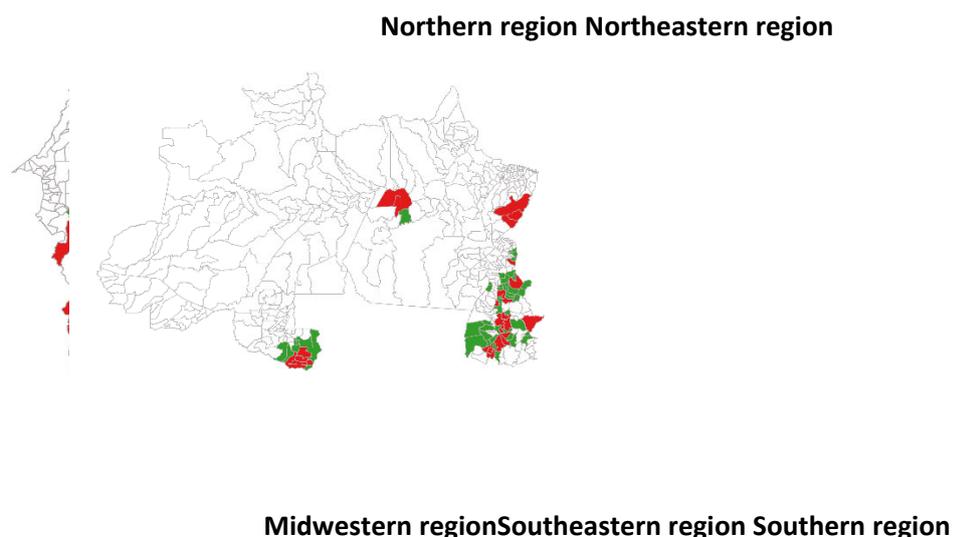
Table 2. Number of soybean-relevant and soybean-women-relevant municipalities, by region

| Regions | Soybean-relevant | Soybean-women-relevant |
|--------------|------------------|------------------------|
| North | 79 | 28 |
| Northeast | 36 | 13 |
| Southeast | 205 | 111 |
| South | 491 | 477 |
| Midwest | 190 | 143 |
| Total | 1,001 | 772 |

Source: Agricultural Census (IBGE, 2017). Author's own compilation based on data from Silva (2021)

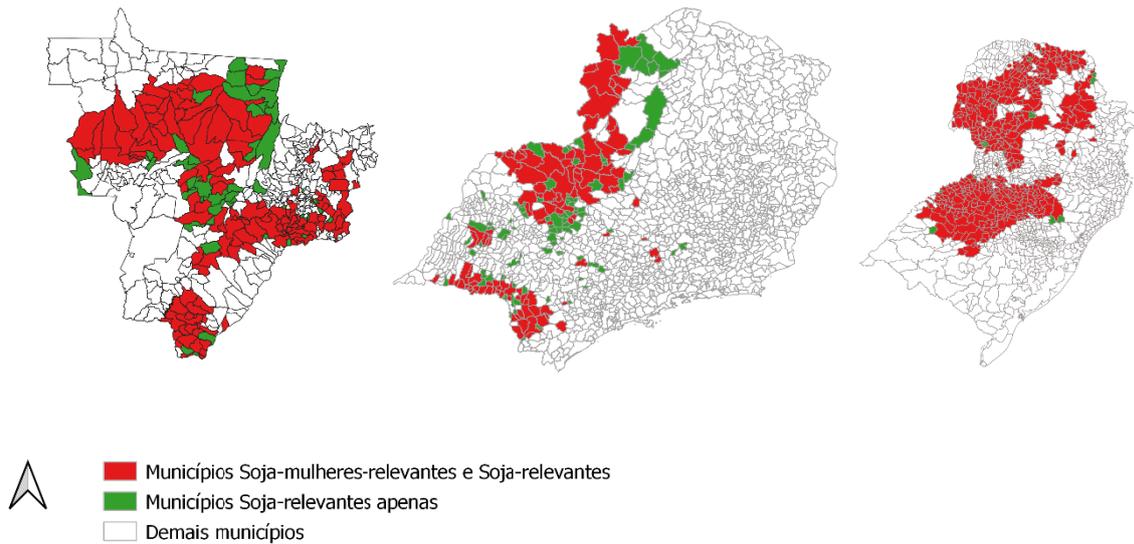
The data above is arranged on the maps of the major Brazilian regions (figure 3). The municipalities highlighted in green are soybean-relevant only and those in red are also soybean-women-relevant. As stated earlier, there is a greater coincidence between municipalities in the southern region of the country. The municipalities in green have no women in charge of establishments with soybean plantations.

Figure 3. Soybean-relevant and soybean-women-relevant municipalities by greater region in Brazil



Soybean production in Brazil...

Ariane Favareto



Source: Author's own compilation based on data from the Agricultural Census (IBGE, 2017) and Silva (2021).

2.2. The presence of women at the helm of agricultural and livestock establishments that have relevant soybean production

The data in table 3 shows the absolute figures of the agricultural and livestock establishments of the categories for the soybean-relevant municipalities as well as for the soybean-women-relevant ones. The intention is to show that in all the greater regions of the country, the total number of agricultural and livestock establishments headed by women - both in the corporate category as well as in family farming - is lower than the total number of establishments considered soybean-relevant, as shown above, defined with basis on Silva's study (2021). There is, however, a trend towards a smaller difference in the south and midwest regions. It is precisely in these two regions that there is a greater coincidence between municipalities with significant soybean production and the existence of women heading agricultural and livestock establishments.

Soybean production in Brazil...

Ariane Favareto

Table 3. Comparison between the number of corporate establishments and family-owned farms among the soybean-relevant and soybean-women-relevant municipalities, by regions

| Regions | Corporate Farming | | Family Farming | |
|-----------|-------------------|------------------------|------------------|------------------------|
| | Soybean-relevant | Soybean-women-relevant | Soybean-relevant | Soybean-women-relevant |
| North | 2,084 | 1,147 | 8,678 | 4,849 |
| Northeast | 1,178 | 704 | 5,808 | 2,651 |
| Southeast | 3,610 | 2,482 | 9,973 | 6,748 |
| South | 7,286 | 7,162 | 32,512 | 31,946 |
| Midwest | 6,156 | 5,182 | 16,513 | 13,898 |
| Total | 20,314 | 16,677 | 73,484 | 60,092 |

Source: Agricultural Census (IBGE, 2017). Author's own creation based on data from Silva (2021)

The percentage of women in charge of the establishments provides an understanding of how they are represented in that universe of municipalities considered soybean-relevant. In the general data on establishments, woman-run establishments in the family farming group, as well as the corporate farming group, are clearly a minority.

Table 4. Percentage of women in total agricultural and livestock establishments of corporate and family farms, universe of soybean-relevant municipalities, Brazil and Greater Regions (in %)

| | Corporate | Family |
|-----------|-----------|--------|
| Brazil | 11.00% | 14.49% |
| North | 13.76% | 19.73% |
| Northeast | 13.09% | 19.54% |
| Southeast | 9.73% | 13.90% |
| South | 10.28% | 11.86% |
| Midwest | 11.72% | 18.87% |

Source: Agricultural Census (IBGE, 2017). Author's own compilation based on data from Silva (2021)

It is worth noting that the environment where soybean production is developed is considered mostly male as confirmed by Favareto and Favareto (2020). Although women have been gaining presence, including in the most diverse links of the chain, their relative involvement is still weak. This is largely because skills considered typically male, such as bravery, strength and a pioneering spirit, are seen as essential for success in this area, especially in regions that were used later, known as the new Brazilian agricultural frontiers. In many of these places, it was the men who arrived alone to acquire the land and start planting and only after the establishment of the minimum infrastructure did the rest of the family migrate.

In short, women, as compared to men, lead a lower number of agricultural establishments in all Brazilian regions. This is also the case when we analyse data referring to municipalities with significant soybean production. In this case, women are absent from the head of the establishments in 33% of the soybean-relevant municipalities. Soybean-women-relevant establishments represent less than 2% of all Brazilian agricultural and livestock farms. These numbers give an idea of how much women are under-represented in the farming category of great economic importance to the country.

In the next section, we will look into the data found only in the soybean-women-relevant municipalities to compare the establishments and the women farmers from the standpoint of the corporate and family categories with emphasis on their respective differences, the primary purpose of this article.

3. Classifying the agricultural establishments

In order to classify the agricultural and livestock establishments, data was collected on the area of the soybean crops, the core economic activity developed and the amount of people employed, always from the standpoint of woman-run establishments, the family and employer categories and the large regions of Brazil. For such, data referring to the agricultural and livestock establishments found in the soybean-women-relevant municipalities was collected. However, given the low numbers, the data collection that refers to this crop area was hindered. We, therefore, chose to use data from the whole country and, as it happens, the largest soybean crop area is 541,801 hectares and is under the responsibility of male farmers².

² The disclosure of the data is confidential so the owners cannot be identified. For illustration purpose, it is important to mention that the data that was disclosed regarding the minimum and maximum areas found in both categories in the soybean-women-relevant municipalities. In corporate farming, the largest total area allocated to soybeans, amounting to 19,084 hectares, occurred in the

Soybean production in Brazil...

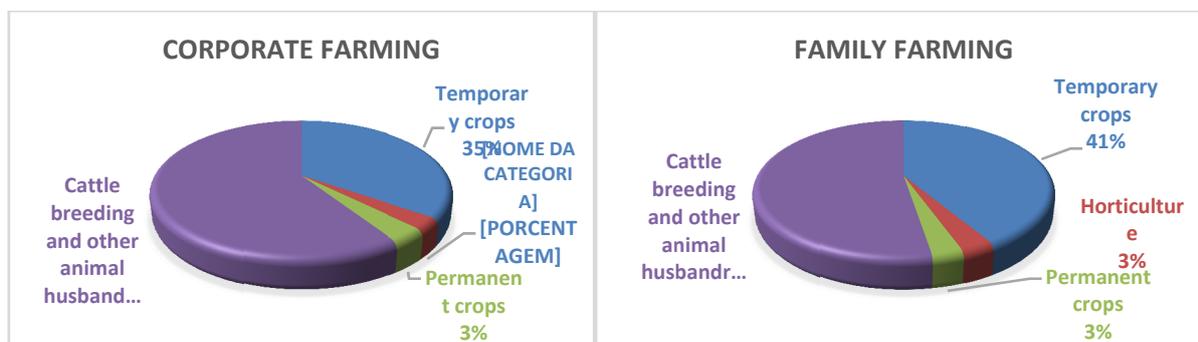
Ariane Favareto

In Brazil, men oversee almost 40 million hectares, while women manage just over two million. This data shows that even among women working in agribusiness, the areas allocated to soybean crops are well below those under men's control, which may indicate that this is not the core economic activity developed by them within agricultural and livestock farms, even in places where soybean production is significant. The data that supports this variable is shown below.

3.1. Activities performed by women in establishments with significant soybean production

The percentage of women in the corporate category, as well as in the family farming category, are similar from the standpoint of the core economic activity of the agricultural and livestock establishment. Women who are in charge of establishments with significant soybean output are mostly engaged in cattle breeding and other animal husbandry, followed by the production of temporary crops, which is the case of soybeans.

Figure 4. Main economic activity developed in agricultural and livestock establishments in soybean-women-relevant municipalities, Brazil (in %)



Source: Author's own compilation based on data from the Agricultural Census (IBGE, 2017) and Silva (2021).

In other words, although they are municipalities where soybean production is relevant, the core activity of the establishments where women are in charge is livestock farming and other animal husbandry. One explanation for this lies in the sexual division of labour within rural establishments.

municipality of Nova Mutum (MT). As for family farming, the largest tract is also located in the state of Mato Grosso, in the municipality of Itanhangá, with 11,315 hectares.

Soybean production in Brazil...

Ariane Favareto

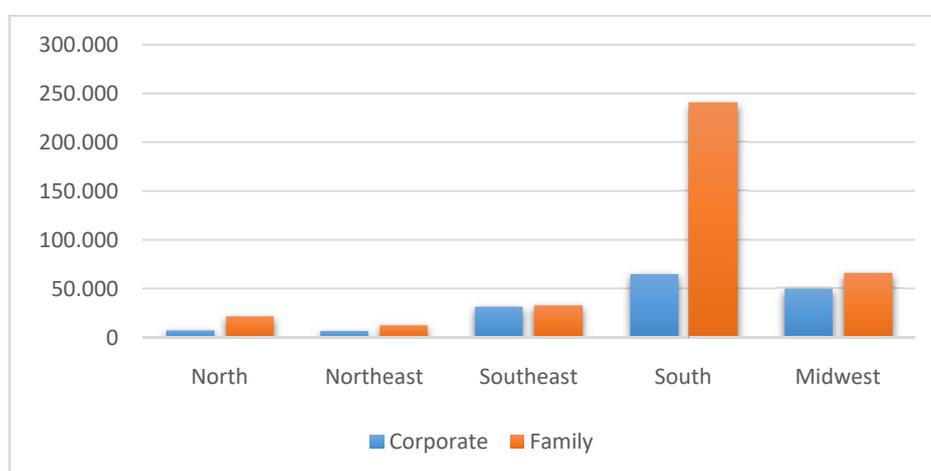
Women have historically been responsible for animal husbandry, while men have dedicated themselves to agricultural output, which has higher profitability and social value.

3.2. Activities in establishments with significant soybean production

In regard to the classification of women-run agricultural and livestock establishments, data on the number of employed staff is shown below, considering the soybean-women-relevant municipalities.

One of the controversies raised about large-scale soy production concerns precisely job creation (Silva, 2021). Studies indicate that there is a certain economic dynamism in municipalities that start producing grains, which leads to the creation of new jobs (Brandão et al, 2005). Moreover, it is believed that the activity demands a high technological level, which requires a specifically trained workforce. Furthermore, the number of jobs created compared to other crops tends to be lower³.

Figure 5. Number of people employed in family and corporate farming establishments in soybean-women-relevant municipalities, by Greater Region



Source: Author's own compilation based on data from the Agricultural Census (IBGE, 2017) and Silva (2021).

³ Due to space limitations, data on jobs created by gender will not be analysed here. To see a study about jobs generated in agribusiness and that involve women for their typically-female skills see the report produced by Favareto and Favareto (2020).

Considering the agricultural sector as a whole, the family farming category is the one that employs the most people⁴. It is no different in the soybean-women-relevant municipalities, whose total number of people employed in establishments reaches 372,783, against 159,297 in the corporate category. In regional terms, it is family farming in the southern region that employs the most people, as can be seen in figure 5. In the southeast, parity between the two categories is almost reached.

In short, when we analyse the data that classifies family establishments in the soybean-women-relevant municipalities, we see that there are no great differences between the family and corporate categories, as well as among the country's greater regions, especially in the variables that refer to crop area and the main economic activity developed within the establishments. The number of people employed, on the other hand, is higher in the family category.

4. Classification of the women farmers

In order to classify the women farmers, the following data from the Agricultural Census was analysed: farmer status, colour/race, age, education, access to technical assistance and involvement in associations or unions. The choice of these variables was aligned with the main issues under debate when it comes to gender inequality.

4.1. Status of women farmers in relation to land

The farmer status is considered based on the land on which the establishments are located⁵. Women who run the establishments in municipalities, where there is significant soybean production, own 81% of the corporate establishments and 78% of the family farm establishments. Historically in Brazil, the succession of land and agricultural properties has followed a hereditary pattern in which the beneficiary is the male child even if the law no longer endorses such practice. Women have been responsible for acquiring wealth by other means, including marriage.

There are many studies that have analysed property succession among family farmers; for example, Carneiro (2001) demonstrates how the scenario has been changing and becoming more complex. Succession ends up depending more on the symbolic and economic value of the land, as well as on the social position that the woman occupies in the family - and the values imbued in this position - for them to be considered as ownership representatives.

⁴ The category "people employed" refers to all persons who work at the establishment whether or not they have ties to the farmer on a permanent, temporary or partnership basis, even if they are not paid.

⁵ There are a total of seven situations that describe a farmer's condition: owner, concessionaire or settler without definitive title, tenant, partner, borrower, occupant and landless farmer.

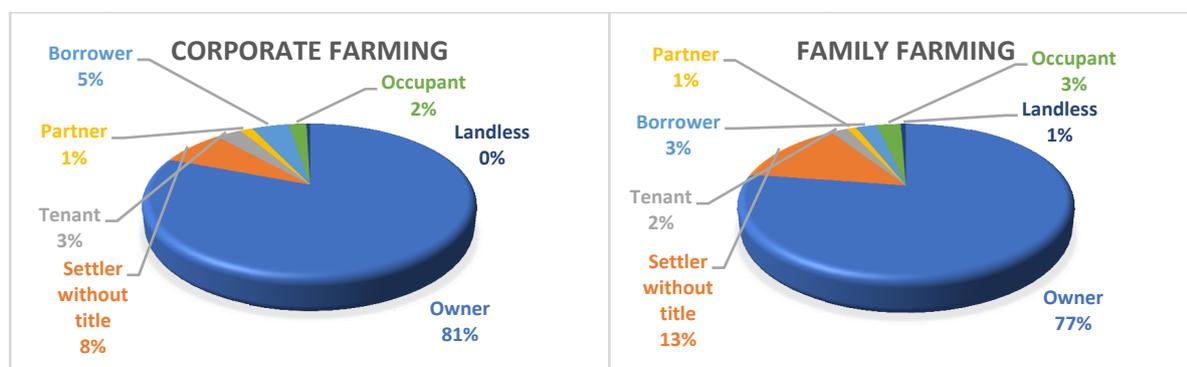
Soybean production in Brazil...

Ariane Favareto

From among the corporate establishments, succession is also not a simple matter of property division and depends on the strategies adopted by the owners and it is very usual, as posited by Favareto and Favareto (2020), that part of the heirs of properties that are aimed at corporate farming organise themselves into companies and it is then the legal representation that starts to take on the management of the farms.

The status of farmers in both researched categories can be seen in figure 6. Among the women in the family category, there is a significant number of women who are in the "settled" condition and, therefore, do not possess a definitive land title. This tends to make it difficult for them to obtain credit from banks and to carry out improvements on the properties, which has an impact on the potential to boost income, for example.

Figure 6. Status of women farmers in soybean-women-relevant municipalities, by category, Brazil



Source: Author's own compilation based on data from the Agricultural Census (IBGE, 2017) and Silva (2021).

While separating the data by the country's greater regions, the differences seem to become more accentuated among regions as well as between the corporate and family categories. Table 5 shows the percentages of each status of women farmer indicated in the Agricultural Census data (IBGE, 2017).

Soybean production in Brazil...

Ariane Favareto

It is only in the northeast region that family farm women outnumber their corporate counterparts when they own the establishments. The migration of men from the northeast region to other regions in the country in search of employment, even if seasonal, may be behind these percentages. The women are then solely responsible for the land and production for a few months of the year.

Table 5. Percentage of women in total agricultural and livestock establishments of corporate and family farms, universe of soybean-relevant municipalities Greater Regions (in %)

| | Corporate Farming | | | | | | | Family Farming | | | | | | |
|-----------|-------------------|---------|-------|-----|------------|-------|-----|----------------|---------|-------|-----|------------|-------|-----|
| | Own | Settler | Lease | Par | Loan for U | Occup | WOA | Own | Settler | Lease | Par | Loan for U | Occup | WOA |
| North | 84% | 7% | 1% | 1% | 4% | 2% | 1% | 80% | 13% | 0% | 1% | 2% | 2% | 1% |
| Northeast | 81% | 6% | 1% | 1% | 3% | 4% | 4% | 88% | 4% | 0% | 1% | 4% | 2% | 1% |
| Southeast | 82% | 6% | 4% | 1% | 6% | 1% | 0% | 72% | 17% | 4% | 1% | 3% | 3% | 1% |
| South | 83% | 3% | 3% | 2% | 6% | 2% | 0% | 82% | 7% | 2% | 1% | 3% | 3% | 1% |
| Midwest | 77% | 15% | 3% | 1% | 2% | 2% | 0% | 66% | 28% | 2% | 1% | 1% | 3% | 0% |

Source: Agricultural Census (IBGE, 2017). Author's own compilation based on data from Silva (2021)

The lowest rates of women as owners of agricultural and livestock establishments were registered in the midwest in both categories, which also accounts for the greatest difference (ten percent) between female family farmers and female corporate farmers. The midwest also has the highest percentage of women in the condition of settlers in both categories. The differences between the percentages of both categories are the lowest in the southern region. It should be noted that this is the region where soybean was originally produced in the country and where properties with smaller areas are more usual. The midwest, in turn, is known as the area of soybean expansion.

4.2. Ethnic origin of women farmers

The ethnic characteristics of the women are quite diverse with regard to the greater regions of the country, but in general white women represent a higher percentage and are located in the south, followed by mixed race women. Exceptions to this trend are the north and northeast regions, where the majority of the women are mixed race. It is worth noting that IBGE works with self-statements to calculate this variable.

Soybean production in Brazil...

Ariane Favareto

Table 6. Percentage of women in agricultural and livestock establishments of corporate and family farms, universe of soybean-relevant municipalities Greater Regions (in %)

| | Corporate Farming | | | | | Family Farming | | | | |
|-----------|-------------------|-------|------------|------------|------------|----------------|-------|------------|------------|------------|
| | White | Black | East Asian | Mixed Race | Indigenous | White | Black | East Asian | Mixed Race | Indigenous |
| North | 30% | 13% | 1% | 55% | 2% | 18% | 13% | 1% | 65% | 3% |
| Northeast | 24% | 8% | 1% | 67% | 0% | 20% | 13% | 1% | 66% | 0% |
| Southeast | 78% | 3% | 2% | 17% | 0% | 67% | 7% | 1% | 25% | 0% |
| South | 80% | 2% | 1% | 14% | 2% | 79% | 3% | 1% | 15% | 2% |
| Midwest | 62% | 4% | 1% | 30% | 3% | 49% | 7% | 1% | 39% | 4% |

Source: Agricultural Census (IBGE, 2017). Author's own compilation based on data from Silva (2021)

Data regarding the ethnic origin of the women, who run the establishments, is important when thinking in an intersectional manner, i.e., considering the historical evidence of domination that places black and indigenous women in an even more vulnerable situation, with less access to social reproduction means.

Table 6 shows that the three regions with the highest number of municipalities with relevant soybean production (southeast, south, and midwest) also have the highest percentages of white women at the head of family and corporate farms, which shows that some of the production is concentrated in the hands of white women. It can, therefore, be said that soybean production reproduces the social inequalities found in Brazilian society in terms of race/ethnicity.

4.3. Age of women farmers

The data regarding the age of the women, who run the agricultural and livestock establishments in the soybean-women-relevant municipalities, is quite diverse in the greater regions, as well as between the two categories (tables 7 and 8). The lowest percentage is found in the group that comprises women under 25.

In the corporate category, Dias (2008) and Foletto (2014), who studied the main characteristics of women who are in top positions in corporate farming enterprises, claim that they are between 31 and 50 years old, which confirms the absence of younger people, especially women. The Favareto and Favareto (2020) study shows that this gap in the management of establishments is reflected in representative areas, such as trade unions. According to Rosso (2012), there are several challenges

Soybean production in Brazil...

Ariane Favareto

faced by women in the succession process of corporate businesses and they involve defining the job they will perform within the company, competition with the men of the family, the professional training to which they have dedicated themselves - which often does not coincide with the demands of the position -, and the generational difference between the founder and the successor. The resolution of these challenges depends on the establishment of agreements made internally within families that are, in most cases, based on patriarchal values.

Table 7. Percentage of women in agricultural and livestock establishments of corporate farms, universe of soybean-relevant municipalities Greater Regions (in %)

| | Corporate Farming | | | | | | |
|-----------|-------------------|---------------------|---------------------|---------------------|---------------------|---------------------|-------------|
| | Under 25 | From 25 to under 35 | From 35 to under 45 | From 45 to under 55 | From 55 to under 65 | From 65 to under 75 | 75 and over |
| North | 5% | 19% | 29% | 23% | 14% | 6% | 3% |
| Northeast | 6% | 19% | 25% | 28% | 11% | 7% | 4% |
| Southeast | 1% | 8% | 17% | 25% | 21% | 15% | 12% |
| South | 4% | 13% | 21% | 27% | 18% | 10% | 6% |
| Midwest | 2% | 10% | 20% | 26% | 21% | 13% | 8% |

Source: Agricultural Census (IBGE, 2017). Author's own compilation based on data from Silva (2021)

Table 8. Percentage of women in agricultural and livestock establishments of family farms, universe of soybean-relevant municipalities Greater Regions (in %)

| | Family Farming | | | | | | |
|-----------|----------------|-------------------------|-------------------------|---------------------|-------------------------|-------------------------|-------------|
| | Under 25 | From 25 to less than 35 | From 35 to less than 45 | From 45 to under 55 | From 55 to less than 65 | From 65 to less than 75 | 75 and over |
| North | 3% | 13% | 21% | 23% | 21% | 12% | 6% |
| Northeast | 4% | 9% | 14% | 21% | 25% | 18% | 10% |
| Southeast | 1% | 7% | 14% | 22% | 27% | 19% | 10% |
| South | 2% | 8% | 14% | 23% | 26% | 18% | 9% |
| Midwest | 2% | 9% | 16% | 25% | 26% | 15% | 6% |

Source: Agricultural Census (IBGE, 2017). Author's own compilation based on data from Silva (2021)

Women family farmers also register a lower percentage of young people in charge of the establishments. Kummer (2019) studied the permanence process of rural youth in relation to the properties of their parents, family farmers in a state in the southern region of Brazil. According to him, there was a large exodus between the decades of 1970 and 2000, a time when young people

stopped migrating to the cities, the result of a positive construction of the representation of rurality, arising from an improvement in the quality of life in rural areas due mainly to the implementation of public policies that affected not only the productive activity but also housing, health, education, mobility and telephone services. The author highlighted that one of the elements that influenced permanence was, precisely, patrimonial succession, which is still a subject considered taboo among families, whose main characteristic is a male-centred bias. Girls do not end up taking over their parents' farms, which reinforces their wish to migrate to urban centres, and in the rare cases in which they do, they are required by the community to demonstrate capabilities both in production and management, skills that boys do not necessarily need to prove.

In comparing both categories, it is noticeable that there is a trend towards younger women among female corporate farmers, especially in the north and northeast regions of the country, which have recently become the target of the expansion of large-scale soybean production. In terms of women family farmers, there is a significant trend towards their involvement in the older age groups, above 65.

4.4. Education background of the women farmers

The schooling of women in charge of agricultural and livestock establishments in soybean-women-relevant municipalities is quite diverse in both categories as well as among Brazil's greater regions. In all, they fall under 13 educational levels⁶. To make reading the table easier, the most prominent are shown here.

Higher levels of education are observed in the group of women engaged in corporate farming. Considering the country as a whole, women with higher education degrees are present in a quarter of the establishments. If we add those with secondary education, we can include almost half of them.

The high educational level of women working in family farming has been mentioned in several studies on the topic (Maciel&Domingues, 2008; Barros et al, 2018; Menezes & Silva, 2016; Dias, 2008). All indicate that they, especially those in leadership or management positions, are looking to specialising in their profession, mostly in the financial, administrative and accounting sectors. Attendance at specialisation and improvement courses is used by them as a way to legitimise their presence in agribusiness (Menezes & Silva, 2016), since this has usually been the men's turf.

⁶ The 13 levels are: Never attended school, literacy class, youth and adult literacy class, former primary school (elementary), former secondary school (junior high), regular primary school (or grade school), youth and adult education and supplementary primary schools (or grade school), former humanities or scientific-based secondary school (high school), regular secondary school (or high school), technical-based secondary school (or high school), youth and adult education and supplementary high school (or high school), higher education (undergraduate, masters or doctorate).

Soybean production in Brazil...

Ariane Favareto

In regional terms, it is in the northeast that this category registers the lowest levels of education. Even so, 15% of the establishments are run by the women who have higher education and 25% have secondary education. On the other hand, in the south and midwest regions, which have more corporate farms, the women have some kind of degree and represent one third of the total. This data on women in the midwest region is in line with what the literature on gender and agribusiness points to, in other words, the individual search for greater technical know-how with the purpose of overcoming gender discrimination and the barriers imposed on them to reach better social positions in an environment that is still highly male-oriented.

Table 9. Percentage of women in agricultural and livestock establishments of corporate farms, universe of soybean-relevant municipalities Greater Regions (in %)

| | Corporate Farming | | | | |
|-----------|-----------------------|------------------------------------|--------------------------------------|---|------------------------|
| | Never attended school | Former primary school (elementary) | Regular primary school or elementary | Regular secondary school or high school | Higher - undergraduate |
| North | 4% | 11% | 26% | 27% | 18% |
| Northeast | 10% | 16% | 20% | 25% | 15% |
| Southeast | 2% | 18% | 9% | 22% | 33% |
| South | 3% | 24% | 14% | 23% | 21% |
| Midwest | 4% | 15% | 12% | 23% | 29% |

Source: Agricultural Census (IBGE, 2017). Author's own compilation based on data from Silva (2021)

Table 10. Percentage of women in total agricultural and livestock establishments of family farms, universe of soybean-relevant municipalities Greater Regions (in %)

| | Family Farming | | | | |
|-----------|-----------------------|------------------------------------|--------------------------------------|---|------------------------|
| | Never attended school | Former primary school (elementary) | Regular primary school or elementary | Regular secondary school or high school | Higher - undergraduate |
| North | 11% | 19% | 33% | 16% | 4% |
| Northeast | 30% | 17% | 16% | 9% | 2% |
| Southeast | 6% | 36% | 13% | 17% | 11% |
| South | 8% | 40% | 17% | 14% | 6% |
| Midwest | 10% | 24% | 16% | 19% | 9% |

Source: Agricultural Census (IBGE, 2017). Author's own compilation based on data from Silva (2021)

When looking at the universe of soybean-women-relevant municipalities in the family farming category, one can see that in one third of them, the women's level of education is the former primary school. This denotes the low access to higher levels of schooling that has characterised rural areas in the recent past. The younger generations, on the other hand, have benefited from a series of public policies to encourage studies, such as the availability of free transport between rural and urban areas of the city since most rural areas only offer the initial years of primary education and more advanced degrees can only be acquired in the urban centres of the cities. Therefore, there is an entire generation of family farmers who did not have the opportunity to pursue their studies, allied to a behavioural bias based on work training, which places less emphasis on the need for higher education when it comes to performing agricultural activities (Favareto, 2019).

In regional terms, it is the data from the northeast which has the lowest schooling levels for women family farmers. Almost one third of them did not even attend school, 17% managed to become literate after they became adults, which shows the importance of actions aimed at youth and adult education in order to raise the schooling level of people in more remote areas with little access to infrastructure. On the other hand, the highest percentages of higher education levels are found in the southeast (11%) and the midwest (9%). In the southern region, the most commonly found level was the former primary school level, which accounts for 40% of the women.

4.5. Access to technical assistance for women farmers

Technical assistance is essential for farmers. It enables the farmers to plan and execute the best method of management, with a view to increasing yield and, consequently, income. In Brazil there are many ways to use this service, which can be free of charge through municipal, state and federal governments or through trade unions representing the categories - these services are developed with the resources of the farmers themselves, through co-ops of technicians, planning companies or individual contracts. The data below shows the percentage of women-run establishments that receive any kind of technical assistance services or not.

Table 11. Percentage of women farmers in agricultural and livestock establishments of corporate and family farms, universe of soybean-relevant municipalities Greater Regions (in %)

| | Corporate Farming | | Family Farming | |
|-----------|-------------------|------------------|----------------|------------------|
| | Receives | Does not receive | Receives | Does not receive |
| North | 21% | 79% | 12% | 88% |
| Northeast | 11% | 89% | 2% | 98% |
| Southeast | 44% | 56% | 25% | 75% |
| South | 39% | 61% | 38% | 62% |
| Midwest | 35% | 65% | 19% | 81% |

Source: Agricultural Census (IBGE, 2017). Author's own compilation based on data from Silva (2021)

In general, it is evident that most women did not receive technical assistance in both categories, however, the percentages are higher for women in family farming, precisely because they have smaller areas and fewer resources, which in theory would justify greater technical support to improve planting methods, with a view to great productivity and yield.

There are also great differences among the major regions of the country. Almost half of the establishments in the southeast had access to technical assistance, representing the highest percentage found among the regions and categories. For women family farmers, the southern region is where they have more access to this service. The lowest percentages were found in the northeast in both categories, only 2% of women in family farming in that region received technical assistance. It must be pointed out that this is an area that suffers from recurring droughts throughout the year, which would justify an extra amount of attention for the development of specific production techniques.

4.6. Social involvement of women farmers

The last variable to be studied concerns the role of female farmers in representative institutions, more specifically in associations, co-ops and class entities. The involvement of women in representative spaces and their placement in leadership positions is a hot topic when it comes to gender equality. Essentially, their low level of representation leads to one-sided decisions that fail to consider women's needs within the productive context.

Soybean production in Brazil...

Ariane Favareto

In a typical naturalisation of competencies and skills attributed to the genders, which are in fact social constructs, men are considered more objective in issues that focus on decision-making. They are the ones with strategic vision and they are more authoritarian and rustic, while subtlety is considered a female attribute that could be useful in some leadership areas (Foletto, 2014). Some studies (Maciel&Domingues, 2016; Menezes & Silva, 2016) posit that when women assume these roles there is a tendency to reproduce a more rational, objective and productive behaviour, in addition to assuming an appearance that signals the internalisation of aesthetic codes thought up by men, for example, adopting a submissive and non-competitive attitude toward power.

Among the entities that represent farmer-owners, the Brazilian Agribusiness Association (ABAG) has a board of 18 people, two of whom are women. In addition to this structure, there is the executive team, with six members, three women who occupy the following positions: communication manager, communication analyst and administrative coordination. In turn, the Brazilian Soy Producers' Association (Aprosoja) has a board of 25 people, none of whom is a woman⁷.

From the point of view of family farming, representation has historically been based on participation in social and trade union movements. Since the 1980s, women have been establishing a series of demands based on their own visibility as women farmers and the rights arising from this recognition, such as maternity pay, retirement and unionisation.

In the soy-women-relevant universe, in general terms, the condition of non-members prevails in both categories. However, there are important differences when analysing the regions, as shown in table 12.

Table 12. Association and entities that represent women farmers in agricultural and livestock establishments of corporate and family farms, universe of soybean-relevant municipalities Greater Regions (in %)

| | Corporate Farming | | Family Farming | |
|-----------|-------------------|-----|----------------|-----|
| | Associate | No | Associate | No |
| North | 42% | 58% | 51% | 49% |
| Northeast | 27% | 73% | 28% | 72% |
| Southeast | 37% | 63% | 30% | 70% |
| South | 38% | 62% | 43% | 57% |
| Midwest | 29% | 71% | 26% | 74% |

⁷ Survey conducted on the websites of the entities in October 2020.

Soybean production in Brazil...

Ariane Favareto

Source: Agricultural Census (IBGE, 2017). Author's own compilation based on data from Silva (2021)

The highest percentage of women associated with some entity is among female family farmers in the north of the country, exceeding half of the establishments (51%) and the lowest is in the midwest, with just over a quarter (26%). Women who oversee corporate establishments belong to more representative entities also in the north (42%) and the least are in the northeast (27%). In both categories, the percentages are very low, showing that there is still a long way to go for them to gain space and specially to occupy leadership positions before they can make any demands in the soybean production agenda of the country, which would lead to a better balance between gender relations and greater diversity of opinions and strategies.

The variables presented for the classification of women farmers have some differences between the categories of family and corporate farmers that are worth pointing out. On average, women corporate farmers are more in the ownership condition than women family farmers. This may mean greater independence when it comes to making decisions about production inside the establishments. As we have seen, the sexual labour division and social gender roles still weigh heavily in defining the type of activity carried out on the farms. As owners, women have the option of redefining these activities. In addition, female corporate farmers are younger, have higher levels of education and have more access to technical assistance than female family farmers. These resources can open the way for greater innovation and diversification in production.

5. Conclusion and final remarks

Gender equality is a recurring theme worldwide. If the intention is to overcome inequality and women's social and economic vulnerability, taking a second look at the heterogeneity of the different categories may effectively help to identify obstacles that are standing in the way of more sustainable and equitable forms of soybean production.

In general, women are under-represented in the management of agricultural establishments. They account for 47% of the total rural population, according to the Demographic Census (IBGE, 2010) and are in charge of only 15% of the corporate establishments and 19% of the family ones. When we focus on municipalities with significant soybean production, these percentages are even lower, respectively 11% and 14%. A representation level that stands below the national percentages denotes that the soy production environment is still essentially male oriented.

Soybean production in Brazil...

Ariane Favareto

In classifying the agricultural and livestock establishments, the variables that stood out were the crop area, the main economic activity developed and the amount of people employed. The data brought to light the weight of structural differences in gender relations since women manage smaller crop areas and dedicate themselves to livestock and other animal husbandry, an activity considered typically feminine because it requires certain abilities socially performed by them.

If the classification of the establishments revealed the weight of social structures that translates into fewer resources being held by women, the profile of women farmers, in turn, showed important differences between the family and corporate categories, as well as among the greater regions of the country. Such differences were expressed in the variables: land status, ethnic origin, age, education, access to technical assistance and role in any representative entity.

The analysis showed that women in family farming are more vulnerable in terms of land ownership, have less schooling and are located in older age groups, have less access to technical assistance services and, in general, are present in fewer representative bodies. Furthermore, in intersectional terms, there is little representation of black women in the management of establishments. From a regional point of view, women family farmers in the northeast have lower schooling levels, less access to technical assistance and to representative entities.

If, on the one hand, there are structural obstacles that place women in the family and corporate categories on similar levels, a study of the farms also shows that from another point of view, important differences exist from the standpoint of women farmer classification. These findings bring to light two obstacles that can be the focal point of action for an agenda aimed at including women.

The first concerns more symbolic constraints that block gender equality and are rooted in values that define the social roles expected of men and women. These definitions relate to performed activities. Although changes are on the horizon that will alter this view in world society, it is still predominant and even more so in a highly male-dominated environments, such as soybean production in Brazil.

One way to accelerate the process of change towards greater gender equality is to create external pressure mechanisms. In much the same way as environmental concerns are gradually gaining importance in foreign market negotiations, instruments, similar to environmental certification, could be adopted to increase the involvement of women in soybean production and trading. It is necessary to consider, however, that the criteria to be used must be defined with the effective involvement of women so as not to reproduce areas of domination that help to perpetuate a situation of overwork or exploitation of more vulnerable women.

The second set of obstacles can be found in the material conditions that still put women who produce soybean - and especially women in the family category - in a more vulnerable situation. Land ownership, schooling level, inclusion of young people at the head of production, access to technical assistance and participation in representative bodies are factors that merit a closer look, as shown earlier. Actions to promote activities aimed at changing what is currently in place can be carried out both by the State, through the implementation of public policies, and by Non-Governmental Organisations (NGOs), through the training and dissemination of information.

Equality between genders is imminent and knowing the intricacies and specificities that create the obstacles standing in the way of equality is essential for the deployment of actions that can more effectively guide the necessary changes.

References

BARROS, G.S.C.; CASTRO, N.R.; GILIO, L.; SOUZA JUNIOR, M.L.; MORAIS, A.C.P.; ALMEIDA, A.N. **Mulheres no Agronegócio**. Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea), Piracicaba, v.1, n.3, 2019.

BINOTTO, Erlaine; MORAIS, Manoela; SIQUEIRA, Elisabete; STEFANELLO, Alesandra e APOLINÁRIO, Ludimylle. Mulheres Gestoras: Caracterizando seu Perfil em Cooperativas Agrícolas. **Revista de Gestão e Organizações Cooperativas**, 2014. DOI 10.5902/2359043215459.

BRANDÃO, Jozerlei; PAULI, Jandir; BILHAR, Alissa e TOMASI, Manuelli. Liderança feminina em empresas do agronegócio. **Revista Negócios em Projeção**, v 9, nº1, 2018.

BRANDÃO, Antonio Salazar P., REZENDE, Gervasio Castro de e MARQUES, Roberta W. da Costa. Agricultural Growth in the Period 1999-2004, Outburst in Soybeans Area and Environmental Impacts in Brazil. **Texto Para Discussão Ipea**, 2005. <https://doi.org/10.2139/ssrn.660442>

BRUNO, Regina; WESZ JUNIOR, Waldemar João; BORDALO, Caroline de Araújo; AQUINO, Sílvia Lima de; JALIL, Laetícia. Razões da participação das mulheres em grupos produtivos. In: NEVES, Delma Pessanha; MEDEIROS, LeonildeSérvolo (orgs.). **Mulheres camponesas: trabalho produtivo e engajamentos políticos**. Niterói (RJ): Alternativa, 2013.

CARNEIRO, Maria José. **Camponeses, agricultores e pluriatividade**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 1998b.

CARNEIRO, Maria José. Herança e gênero entre Herança e gênero entre agricultores familiares. **Revista Estudos Feministas**, 9 (1), 22-55. <https://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2001000100003>.

CASTRO, Nicole; BARROS, G.; NUNES ALMEIDA, Alexandre; GILIO, Leandro; MORAIS, Ana. (2017). Mercado de trabalho e rendimentos no agronegócio de Minas Gerais. **Revista de Economia e Agronegócio**. 15. 2526-5539. 10.25070/rea.v15i3.490.

DEL GROSSI. **Algoritmo para delimitação da agricultura familiar no Censo Agropecuário 2017, visando a inclusão de variável no Banco de Dados do Censo**. FAO/Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento/FINATEC: Brasília, 2019.

DIAS, Larissa G. Liderança feminina no agronegócio: principais desafios encontrados pelas mulheres gestoras. **Trabalho de Conclusão de Curso** em Tecnologia e Ciências Sociais Aplicadas do Centro Universitário de Brasília, 2008.

ELIAS, Denise e PEQUENO, Renato. Desigualdades socioespaciais nas cidades do agronegócio. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, vol. 9, núm. 1, mayo, 2007, pp. 25-39.

ESMERALDO, Gema Galgani Silveira Leite. O protagonismo político de mulheres rurais por seu reconhecimento econômico e social. In: NEVES, Delma Pessanha; MEDEIROS, LeonildeSérvolo (orgs.). **Mulheres camponesas: trabalho produtivo e engajamentos políticos**. Niterói (RJ): Alternativa, 2013.

FAVARETO, Ariane e FAVARETO, Arilson. Avaliação das relações de gênero em cadeias produtivas em áreas de atuação da Solidaridad – as mulheres e o mercado da soja no Matopiba/Oeste da Bahia. **Relatório Final**. São Paulo, 2020.

FAVARETO, Ariane. Dinâmicas rurais contemporâneas e configurações sociais de gênero. **Tese** (Doutorado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (CPDA/UFRRJ). Rio de Janeiro, 236 p., 2019.

FAVARETO, Arilson (org.); NAKAGAWA, Louise; PÓ, Vinícius, SEIFER, Paulo e KLEEB, Suzana. **Entre chapadas e baixões do Matopiba: dinâmicas territoriais e impactos socioeconômicos na fronteira da expansão agropecuária no Cerrado**. São Paulo: Prefixo Editorial, 2019.

FOLETTI, Jussara. Características do perfil de lideranças femininas e masculinas no agronegócio do Rio Grande do Sul. 2014. 55 páginas. **Trabalho de conclusão** de MBA Gestão do Conhecimento e o Paradigma Ontopsicológico como requisito parcial para a obtenção do grau Especialista. Faculdade

Soybean production in Brazil...

Ariane Favareto

AntonioMeneghetti. Curso de MBA Gestão do Conhecimento e o Paradigma Ontopsicológico, Recanto Maestro-Restinga Sêca/RS, 2014.

KUMMER, Rodrigo. Juventudes rurais e permanências: ruralidades e urbanidades representadas no Extremo Oeste de Santa Catarina. **Tese** (Doutorado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade – CPDA, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

MACIEL, Cecília Alves e DOMINGUES, Carlos Roberto. A percepção das mulheres sobre a presença feminina no agronegócio. **Encontro Gestão e Negócios**, Uberlândia (MG), 02 a 04 de maio de 2016.

MAGALHÃES, Reginaldo Sales. A “masculinização” da produção de leite. **RESR**, Piracicaba, SP, v. 47, n 01, p. 275-300, jan/mar, 2009.

MENEZES, Raquel Santos Soares e SILVA, Francieli Dorneles. Trabalho e identidades de gênero de gestoras de organizações do agronegócio em Minas Gerais. **Revista Brasileira de Estudos Organizacionais**, v. 3. n. 2, p. 127-144, dez. 2016. Doi10.21583/2447-4851.rbeo.2016.v3n2.81

NEVES, Delma Pessanha Neves; MOTTA-MAUÉS, Maria Angélica. Mulheres camponesas e reprodução de grupos domésticos. In: NEVES, Delma Pessanha; MEDEIROS, LeonildeSérvolo (orgs.). **Mulheres camponesas: trabalho produtivo e engajamentos políticos**. Niterói (RJ): Alternativa, 2013.

NOGUEIRA, VerenaSevá. A Venda Nova dos Imigrantes: relações de gênero e práticas sociais do agroturismo. **Dissertação** (Mestrado em Sociologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, 2004.

PAULILO, Maria Ignez. **Mulheres Rurais: quatro décadas de diálogo**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2016.

ROSSO, Carla Luiza. Desafios enfrentados pelas sucessoras no processo de sucessão familiar em empresas do agronegócio. **Trabalho de Curso** (TC) apresentado como um dos requisitos para conclusão do curso de Administração de Empresas do UniCEUB – Centro Universitário de Brasília, 2012.

SERIGATI, Felipe; SEVERO, Kellen e POSSAMAI, Roberta. A inserção das mulheres no agronegócio. **Agroanalysis**, 2018.

SILVA, Lucas Falcão. Efeitos socioeconômicos da expansão do cultivo da soja entre 1991 e 2010. Relatório Final. Mimeo, 2021.

Soybean production in Brazil...

Ariane Favareto

SILVA FILHO, Luís Abel da; SANTOS, Fládia Valéria Dantas e LIMA, Maria Messias Ferreira. Dinâmica de mercado de trabalho no cultivo de soja no Brasil. **Latin American Journal of Business Management**, v. 5, n. 2, p. 65-94, jul-dez/2014.

VIEIRA FILHO, José Eustáquio Ribeiro. **Expansão da fronteira agrícola no Brasil**. Texto para discussão. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Brasília: IPEA, 2016.



Visite nosso site em <https://cebrapsustentabilidade.org>